

## CAPÍTULO VII

### GENTE NO ESPAÇO EM QUE VIVE

#### **A estruturação dos sítios: um desafio à interpretação arqueológica**

Uma das grandes questões a que os arqueólogos procuram hoje em dia dar resposta é, como vimos nos três primeiros capítulos, a de saber como organizava o homem primitivo o seu espaço vital, isto é, qual a localização e o relacionamento espacial existente entre as diferentes actividades que realizava: dormir, comer, buscar comida, fabricar utensílios, etc. O que pretendemos saber é até que ponto o homem primitivo usava o espaço da forma coerente e especializada que é apanágio do homem moderno. Por exemplo, será que, no momento em que começou a usar utensílios de forma regular, o fazia no contexto de uma organização do espaço tal que podia encontrá-los já prontos para uso no próprio local onde esse uso seria necessário? Ou limitava-se simplesmente a produzi-los e a deitá-los fora quando e onde necessitava deles? Será que, tal como o homem moderno, praticava a partilha da comida? Por outras palavras, o estudo da utilização do espaço no passado levanta a questão fundamental de saber como se organizavam as actividades humanas nos diferentes locais em que se realizavam.

Vimos no capítulo anterior como alguns povos caçadores-recolectores modernos se deslocam de sítio em sítio, realizando em cada um deles diferentes tipos de actividades. Como então tentei salientar, para poderem compreender a dinâmica dos sistemas semelhantes que existiram no passado os arqueólogos têm de ser capazes de diagnosticar a natureza e a organização das tarefas que foram cumpridas em cada um desses sítios. Do mesmo modo, a resolução do «problema do Moustierense» exige que consigamos reconstituir, pelo menos em parte, as actividades que tiveram lugar nas estações desse período, e que o façamos com base em fontes de informação independentes da composição dos conjuntos líticos, uma vez que o que queremos saber é precisamente se a composição das utensilagens líticas varia de forma regular em função de outros factos cujo significado no passado seja para nós inteligível. Para ser mais específico, o que os arqueólogos gostariam de saber é de que modo determinados factos, tais como as frequências diversas em que ocorrem os diferentes tipos de utensílios, as diferenças nos padrões de distribuição espacial dos utensílios e dos restos faunísticos, ou a relação existente entre determinadas



categorias de resíduos de talhe da pedra e os utensílios propriamente ditos, podem ser interpretados «nos termos das condições de vida da pré-história» que lhes deram origem.

O estudo da estruturação dos sítios — isto é, a distribuição espacial dos artefactos, das estruturas e da fauna das estações arqueológicas — foi um dos desafios que resolvi aceitar quando comecei a minha investigação etno-arqueológica<sup>1</sup>. As minhas experiências etnográficas tinham-me dado a impressão de haver agrupamentos de variáveis que, dependendo da situação, determinavam em larga medida a forma como nos diferentes locais era organizado o comportamento. Nos acampamentos de caça, por exemplo, os padrões de consumo de alimentos<sup>2</sup>, as actividades realizadas e, em muitos casos, a duração do próprio acampamento, dependiam em grande medida do grau de sucesso obtido pelos destacamentos de caçadores. Em contraste, estas situações de dependência perante as contingências eram aparentemente raras nos acampamentos residenciais e, quando ocorriam, reflectiam condições de tensão que afectavam o sistema de forma drástica e global, desencadeando então estratégias de emergência as quais, porém, nunca eram utilizadas nos acampamentos de caça<sup>3</sup>. Em resumo, a existência de padrões diferentes de variabilidade nos conjuntos de artefactos era determinada pela diferente funcionalidade dos diversos tipos de sítios. No entanto, apesar destas diferenças funcionais, parecia existir uma estabilidade subjacente, um conjunto de características da organização interna do espaço habitado que eram comuns a todos os sítios. Consequentemente, ao mesmo tempo que recolhia elementos para o estudo da variabilidade dos conjuntos faunísticos, aproveitei todas as oportunidades que se me ofereceram de documentar também a distribuição espacial dos achados em sítios cujas função, duração da ocupação, sazonalidade, etc., eram conhecidas. Fi-lo na esperança de recolher dados suficientes para a constituição de uma espécie de «biblioteca» de dados que pudesse vir a servir de base para o desenvolvimento de critérios visando o reconhecimento dos factores que condicionam a organização espacial das actividades nos sítios, independentemente da respectiva função.

Um dos elementos comuns a todos os sítios, do passado ou do presente, é a estatura física e a estrutura dos seres humanos que os habitaram. Poderia este simples facto constituir o elemento-chave de qualquer interpretação relacionada com a estruturação dos sítios? Se fosse possível demonstrar, a partir de casos etnográficos, que certos tipos de padrões espaciais não são senão uma consequência da mecânica dos corpos humanos, teríamos então uma base para fazer inferências sobre o passado — pelo menos no que respeita às épocas em que os nossos antepassados tinham já um tipo físico no essencial idêntico ao nosso. A relação entre o corpo humano e os padrões espaciais funcionaria assim, neste campo de investigação, como um «objecto eterno» (para retomar a expressão de Whitehead<sup>4</sup>), dado poder ser considerada como uniforme, como não tendo variado entre o passado e o presente.

<sup>1</sup> Binford, 1978-b.

<sup>2</sup> Binford, 1978-a, em especial as pp. 265-320.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 321-327.

<sup>4</sup> Whitehead, 1953, p. 158-159.



Da mesma maneira que o esqueleto ósseo constitui a armação do corpo que serve de suporte ao funcionamento dos músculos e órgãos, também a disposição das «instalações» existentes num determinado sítio funciona como um esqueleto em torno do qual se organizam as diferentes actividades. O movimento de pessoas e bens adapta-se às instalações que aí existem. Phillip Wagner definiu o conceito de instalação da seguinte forma:

[...] recipientes tais como os cestos, vasos de cerâmica, vasilhas, caixas, construções [...] bases tais como estradas ou plataformas [...] e barreiras tais como cercas, barragens e muros [...] As instalações representam uma reorganização do ambiente [...] controlando ou evitando o movimento de matéria sólida, líquida ou gasosa e de seres animados<sup>5</sup>.

O «esqueleto» de um sítio — aquilo a que chamo a «armação do sítio» — é dado pela disposição dessas instalações. Numa perspectiva arqueológica, as instalações são vistas como «estruturas», e as áreas de uso e caminhos de circulação como «distribuição das peças» e ou como «agrupamento espacial de artefactos». Estou convencido de que indícios fundamentais para a caracterização das actividades, a organização do trabalho empregue na sua execução, e o lugar ocupado por um determinado sítio no quadro do planeamento requerido pela estratégia global de povoamento e subsistência, se encontram codificados na respectiva estruturação. Temos de investigar quais são os factores que afectam o modo como as pessoas estabelecem, organizam e usam um determinado local; igualmente importante é o modo como é feita a manutenção desse local.

A melhor forma de concretizar estas afirmações de carácter geral é através de exemplos. A casa de Inverno típica dos esquimós apresenta uma armação de sítio característica, constituída por uma série de instalações essenciais: a própria casa, estruturas para secagem de carne, amarrações para os cães, e lareiras de exterior. Por entre estas estruturas, ou à sua volta, distribuem-se uma série variada de áreas especializadas de actividade, que podem incluir: uma lixeira doméstica, uma lixeira de esquirolas ósseas, um terreiro para os cães, uma área de trabalho, uma pilha de lenha e respectiva área de corte, uma área de jogos infantis e, finalmente, uma área para dejectos humanos. Estas áreas não são em si mesmas instalações, mas sítios em que são desempenhadas funções importantes para a vida da unidade social em questão. Pode acontecer que as superfícies sobre as quais algumas dessas actividades têm lugar não cheguem a sofrer qualquer alteração deliberada, apesar de serem limpas ou tratadas. A visibilidade arqueológica dessas superfícies não resultaria do facto de apresentarem modificações do solo ou arranjos de materiais naturais ou fabricados (como acontece no caso das casas ou das lareiras), mas sim do facto de conterem distribuições espaciais de peças, tanto utensílios como resíduos, aí depositados casual ou intencionalmente. Imbricados na estrutura das instalações e das áreas utilizadas encontram-se

<sup>5</sup> Wagner, 1960, p. 91.



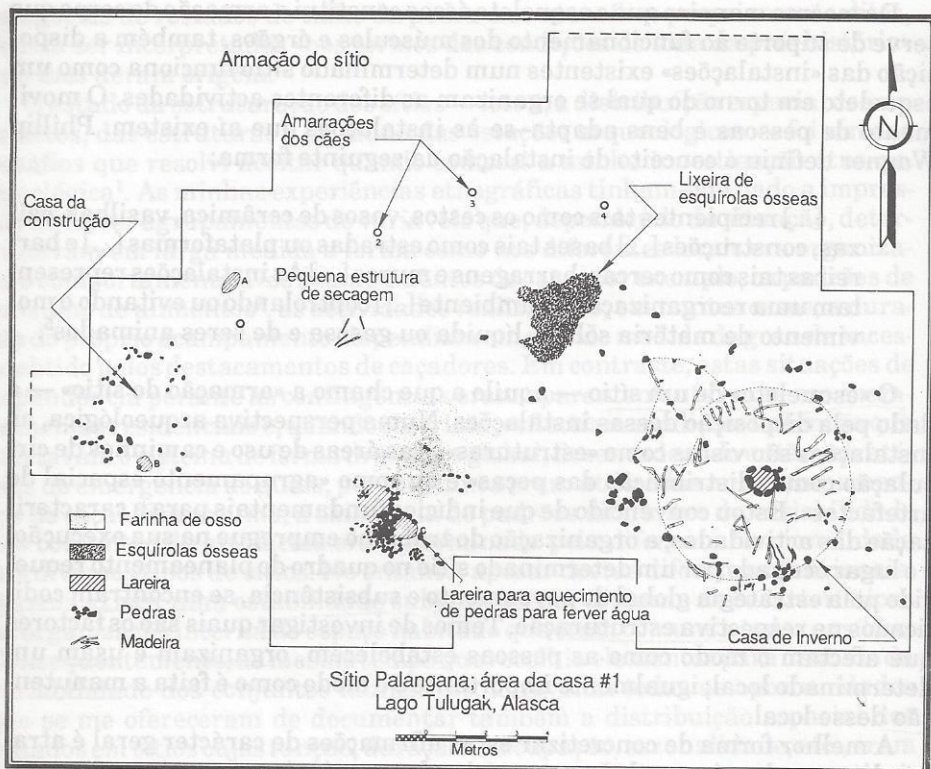


Fig. 80. — «Armação do sítio» no caso de um acampamento de Inverno dos esquimós Nunamiut, o sítio de Palangana. (Localização exacta nas figs. 53 e 66.) Deve também ter havido uma estrutura para secar carne que não foi encontrada. A pequena estrutura designada como a «casa da construção» foi edificada pelos homens para servir de abrigo durante a construção da habitação de Inverno e não voltou a ser usada. Uma descrição pormenorizada deste sítio pode ser encontrada em Binford (1978-a, pp. 431-49).

igualmente os caminhos seguidos pelas pessoas e pelos objectos na circulação pelo interior do sítio.

Nestas circunstâncias, parece claro que a maneira mais adequada de lidar com esta realidade numa perspectiva arqueológica deveria passar pela adopção de um método descritivo e analítico que tivesse como objectivo a definição da armação do sítio, no que diz respeito às suas estruturas, seguida de um estudo das relações entre esta armação e o padrão de dispersão das peças. Infelizmente, a realidade concreta do modo como os vestígios arqueológicos chegam até nós raramente é compatível com este procedimento ideal. O que se passa na maior parte dos casos é que o grau de preservação e de identificabilidade das diversas instalações que outrora existiram nos sítios arqueológicos nem sempre é o mesmo, o que torna as coisas muito mais complicadas.

FUNDO  
SÍTIO  
DISTRIBUIÇÃO



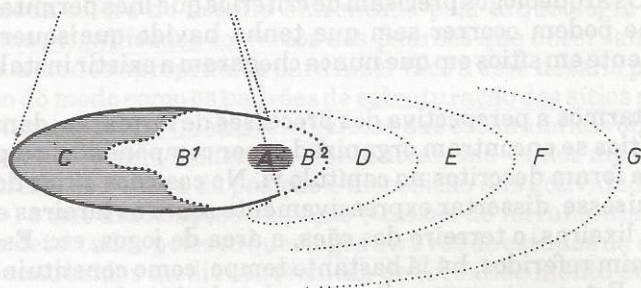


Fig. 81. — «Modelo de sítio residencial proposto por Leroi-Gourhan». A lareira (zona A), localizada à entrada da habitação ou estrutura, é concebida como o centro das actividades organizadas; marca a transição entre espaço interior e exterior. A área interior é concebida como destinada a uma utilização doméstica e pode ser subdividida em duas partes. Na zona B-1 as pessoas sentam-se à volta do lume executando tarefas e actividades sociais diversas; é provável que esta zona fosse cuidadosamente limpa, dado ser aquela em que eram executadas as actividades de maior delicadeza. Leroi-Gourhan descreve a zona B-1 como uma área em que os arqueólogos deverão encontrar utensílios de pequeno tamanho e ocre. A segunda área interior da estrutura é a zona C, a área de dormida, onde a probabilidade de se encontrarem artefactos ou resíduos é reduzida. À volta da lareira, mas no exterior da estrutura, situa-se um outro espaço doméstico, a zona B-2, que é considerada o lugar onde devem ter sido realizadas as actividades mais grosseiras, produtoras de grandes quantidades de resíduos, tais como restos relacionados com as fases iniciais do talhe do sílex ou com a preparação de ossos ou de hasies de cervídeo, ou ainda pedras de cozinha. Para além desta última área doméstica, estendem-se uma série de círculos concêntricos, as zonas D, E, F e G, que são concebidas da seguinte forma: (D) zona de lixeira concentrada e de despejo sistemático; (E) zona de lixeira dispersa; (F) zona de lixo raro; (G) área de achados isolados. Segundo este modelo, uma lareira deve ter um lado de alta densidade e outro de baixa densidade de achados, correspondendo o primeiro ao exterior e o segundo ao interior da habitação. Este é um bom exemplo de como um modelo de formação pode ser utilizado para justificar uma série de convenções de interpretação do registo arqueológico. (Reproduzido com a autorização dos autores, a partir de Leroi-Gourhan e Brézillon, 1972, fig. 174, p. 254.)

Pode acontecer, por exemplo, que seja possível reconhecer a presença de uma lareira sem que, no entanto, haja indícios (sob a forma de buracos de poste ou de quaisquer outras estruturas) da casa no interior da qual essa lareira esteve instalada.

Os métodos actualmente utilizados não estão à altura desta tarefa. Leroi-Gourhan<sup>6</sup>, por exemplo, propôs um modelo de estruturação dos sítios, segundo o qual a presença de uma habitação podia ser inferida a partir dos padrões de dispersão das peças. Inferências como esta são, à partida, suspeitas, não só porque a identificação de um determinado agrupamento de peças com uma habitação é feita «partindo do pressuposto» de que teria havido uma habita-

<sup>6</sup> Leroi-Gourhan e Brézillon, 1966, pp. 361-364.

PROBLEMA  
METHOOS



ção no local<sup>7</sup>, como também porque a minha própria experiência etnográfica me leva a considerar as sugestões feitas por Gourhan como muito pouco convincentes. Os arqueólogos precisam de critérios que lhes permitam distinguir padrões que podem ocorrer sem que tenha havido quaisquer habitações, nomeadamente em sítios em que nunca chegaram a existir instalações de tipo residencial.

Se adoptarmos a perspectiva dos processos de formação, damo-nos conta de que os sítios se encontram organizados por componentes ou por módulos, como os que foram descritos no capítulo vi. No caso dos sítios dos esquimós, podia, se quisesse, dissertar expressivamente sobre as lareiras exteriores de cozinha, as lixeiras, o terreiro dos cães, a área de jogos, etc. Esses módulos foram por mim referidos, há já bastante tempo, como constituindo «áreas de actividade». Este e outros conceitos com ele relacionados têm sido objecto de muita confusão na bibliografia arqueológica, em parte devido à incapacidade de distinguir entre o que são as propriedades de um sistema cultural vivo e os padrões que se encontram no registo arqueológico (uma confusão que Schiffer e Rathje<sup>8</sup> já há alguns anos tinham antevisto). Antes de continuar com este tema, torna-se, porém, necessário clarificar exactamente o que pretendo dizer com estes conceitos de «actividade», de «caixa de ferramentas» e de «área de actividade». Uma «caixa de ferramentas» é o conjunto de utensílios usados na execução de uma determinada tarefa. Uma «actividade» é um conjunto integrado de tarefas desempenhadas, de um modo geral, segundo uma sequência temporal, e sem interrupção. Tarefas idênticas podem fazer parte de actividades diferentes: por exemplo, a tarefa de cortar a carne tanto pode fazer parte da actividade de esartejamento como da de preparação da carne para ser cozinhada ou comida. As «áreas de actividade» são lugares, instalações ou superfícies em que ocorrem actividades tecnológicas, sociais ou rituais. Não é difícil de conceber que uma mesma actividade exija o recurso a diversas caixas de ferramentas ou, inversamente, que uma mesma caixa de ferramentas ou caixas de ferramentas idênticas sejam usadas em actividades diferentes. Era porque calculava que o registo arqueológico contivesse este tipo de mistura de componentes que, há alguns anos atrás, defendi o recurso a técnicas estatísticas de análise multivariada para o estudo da variabilidade entre conjuntos líticos<sup>9</sup>.

Voltando uma vez mais à perspectiva espacial, resulta do acima exposto que é legítimo supor que as diferentes áreas existentes no interior dos sítios possam ser de complexidade idêntica: algumas podem ter sido locais onde foram executadas tarefas múltiplas, outras podem corresponder a sítios onde foram desempenhadas actividades individuais ou tarefas individuais. Daqui se conclui que não tem necessariamente de haver uma correspondência exacta entre um determinado local e uma determinada «caixa de ferramentas» ou uma determinada actividade. O que não quer dizer, no entanto, que a localização dos artefactos não tenha uma estrutura própria e que, por con-

<sup>7</sup> Van Noten, 1978.

<sup>8</sup> Schiffer, 1972; Schiffer e Rathje, 1973.

<sup>9</sup> Binford e Binford, 1966.



seguinte, não contenha informação acerca do carácter do sistema cultural do passado. Muito pelo contrário: o desafio que é interpretar a estruturação de um sítio em nada difere do desafio enfrentado pela arqueologia em geral. Como atribuímos significados correctos aos padrões que observamos?<sup>10</sup>

A busca de métodos apropriados para fazer face a esse desafio pode começar pelo estudo do modo como os padrões de estruturação dos sítios se formam no presente. Neste capítulo ilustrarei algumas das estimulantes observações que pude fazer entre povos modernos. Concentrar-me-ei nos módulos espaciais subjacentes à estrutura da posição e disposição das actividades («áreas de actividade») e nas associações de peças («caixas de ferramentas»), coisas que podem ser detectadas pelos arqueólogos através de estudos da estruturação dos sítios conduzidos mediante técnicas de reconhecimento de padrões.

FUNDO  
PROPOSTA  
MOTIVOS

<sup>10</sup> Há uma grande confusão na bibliografia arqueológica recente em relação a algumas destas ideias. Desde os meus tempos na Universidade de Chicago, quando eu e os meus alunos começámos a explorar os conceitos de áreas de actividade e de caixas de ferramentas, que me dei conta da existência do problema duplo constituído pela necessidade de desenvolver técnicas para a identificação de padrões no registo arqueológico, por um lado, e para a interpretação dos resultados assim obtidos, por outro. Robert Whallon aceitou o desafio e empenhou-se na investigação de técnicas e abordagens que pudessem ser úteis a este respeito, demonstrando uma compreensão clara da diferença que existe entre um padrão arqueológico e os significados que eventualmente lhe estejam associados.

1) [...] na «maior parte» dos lugares de ocupação deve haver pelo menos «algumas» actividades humanas que se encontrem separadas espacialmente [...] a diferenciação das actividades por áreas dará origem a uma distribuição diferencial dos tipos de utensílios pela área ocupada, como consequência dos diferentes usos que deles foram feitos no decurso das actividades realizadas no sítio (Whallon, 1973-a, p. 116).

2) [...] esta argumentação não requer que se dê uma separação espacial constante de todas as actividades em áreas mutuamente exclusivas, mas apenas que algumas das actividades ocorram em espaços distintos pelo menos algumas vezes. (*Ibid.*, p. 117.)

3) Os agrupamentos espaciais de utensílios não representam necessariamente objectos deixados no local em que foram usados [...] mas podem apesar disso ser considerados como o resultado de um comportamento humano regular, associado ao carácter intrínseco da tecnologia na sua relação com o resto do sistema cultural, ou à sua articulação com esse mesmo sistema. Não se vê por isso que haja qualquer impedimento à sua explicação pelos pré-historiadores, no quadro de referência apropriado. (*Ibid.*, p. 119).

A estas afirmações essenciais seguia-se a discussão das técnicas de reconhecimento de padrões de distribuição espacial então conhecidas. Whallon tem continuado a aperfeiçoar técnicas antigas, e a criar algumas novas, para detectar esses padrões. Ver Whallon, 1973-b, 1974, e os trabalhos neste âmbito igualmente feitos por Newell e Dekin, 1978.

Torna-se assim difícil de compreender, neste contexto, como é que se podem considerar justificadas as críticas feitas por Schiffer (1974) a Whallon. A mais estranha das interpretações erróneas dos trabalhos de Whallon será talvez a de Yellen (1977, especialmente a p. 134), o qual afirma que nós partíamos do pressuposto de que a cada actividade devia corresponder uma localização espacial independente, e de que a cada associação de utensílios devia por isso corresponder uma única actividade. Este tipo de argumentação serve apenas para revelar uma incompreensão total das questões e da história do desenvolvimento dos métodos da arqueologia.



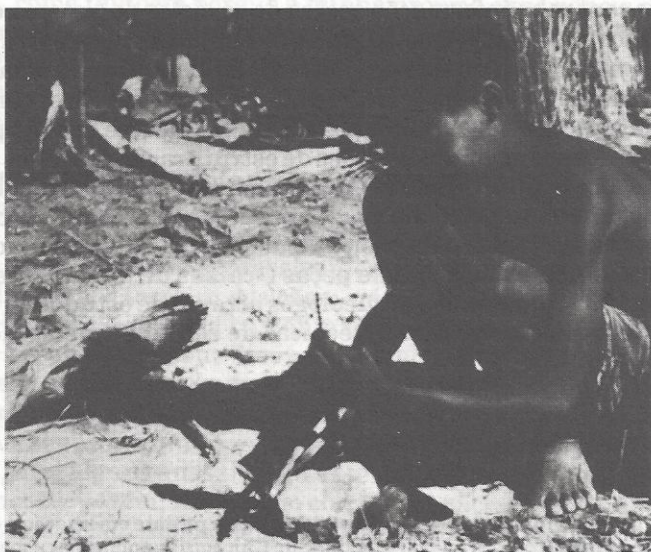


Fig. 82. — Um jovem bosquímano utilizando um furador de arco num acampamento situado em Gautsha Pan. Observe-se como ele está sentado de lado para o lume e não de frente. Alareira localiza-se junto de uma cabana, no interior da qual se pode ver uma cama. Junto ao lume mas do lado oposto encontra-se uma segunda bigorna. (Fotografia tirada por J. Kramer em 1975, cedida pelo Museu Sul-Africano, Cidade do Cabo.)

### Trabalhar em redor dalareira

Quando as pessoas executam uma tarefa que requer o uso de umalareira, tendem a fazê-lo segundo um padrão espacial que parece ser universal. Por exemplo, uma mulher dos bosquímanos Kung, do Botswana, quebra as nozes de mongongo sobre uma bigorna situada junto à fogueira onde as vai assar. Durante a execução da tarefa não se senta de frente para o lume, mas sim em posição oblíqua. Se estivesse virada para o lume não teria espaço suficiente à sua frente, e é evidente que não lhe seria possível trabalhar em cima das brasas. Este é um padrão característico que se encontra sempre que uma pessoa está a trabalhar numa lareira ou à sua volta. O trabalhador coloca o seu corpo de modo a fazer um ângulo recto com a lareira, e a uma distância dela que não seja superior ao comprimento dos seus braços. A posição adoptada por um aborígene do deserto central da Austrália quando aquece resina para encabar um utensílio de pedra nas brasas de uma lareira é também idêntica, o mesmo sucedendo quando uma mulher navajo prepara pão numa lareira ao ar livre. Este padrão foi identificado por antropólogos numa grande variedade de cenários etnográficos. Eu próprio pude também observá-lo com frequência, ao analisar uma boa quantidade de fotografias etnográficas antigas.





Fig. 83. — Um aborígene Alyawara, da Austrália central, preparando resina de spinifex para encabamento de utensílios de pedra, num pequeno sítio de preparação. A posição de trabalho é sentado de lado para a lareira.



Fig. 84. — Mulher navajo do sudoeste dos Estados Unidos da América preparando pão numa lareira exterior. Observe-se a posição da mulher e dos seus artefactos em relação à lareira. (Fotografia cedida por Susan Kent.)

A partir do momento em que reconhecemos a existência de um padrão básico nas actividades realizadas em redor de uma lareira, as diferenças importantes ou as características adicionais eventualmente observadas começam a ganhar significado. No interior de casas de construção sólida, por exemplo, é costume colocarem-se pedras junto à lareira para servirem de pequenas mesas para cortar carne, dispor a comida ou colocar vasilhas. Por outro lado,



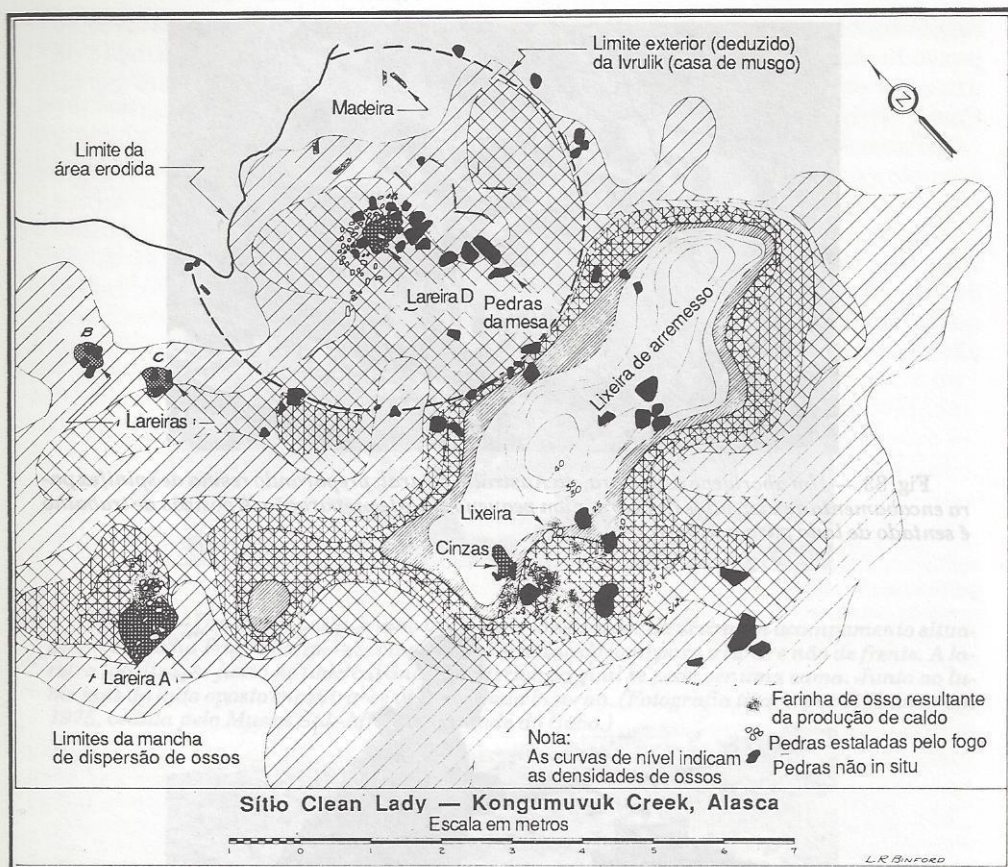


Fig. 85. — Planta do sítio de Clean Lady em Kongumuvuk Creek, Anaktuvuk Pass, Alasca, podendo observar-se um conjunto de pedras dispostas em arco formando uma mesa adjacente à lareira (D) no interior da casa de musgo. Este padrão é característico das situações em que um determinado lugar em redor da lareira é utilizado sempre pelo mesmo cozinheiro. Note-se ainda a limpeza da área em redor desta mesa. O sítio também tem uma lareira exterior (A), bem como, de um e de outro lado da entrada da casa, uma pequena «lixreira de porta» (à direita), e uma grande lixeira de ossos (à esquerda).

quando um grupo grande de pessoas se encontra a trabalhar em redor da lareira, o padrão difere do que se observa no caso do trabalhador solitário. Nesse caso, as pessoas afastam-se do lume, de modo a que toda a gente tenha espaço suficiente para trabalhar, e o padrão de dispersão dos resíduos apresenta uma disposição circular, em torno da lareira, e não perpendicular, como acontece no caso do trabalhador isolado.

Outra observação importante acerca da estruturação dos sítios é a que se pode exemplificar no caso do fabrico de utensílios líticos pelos aborígenes Al-



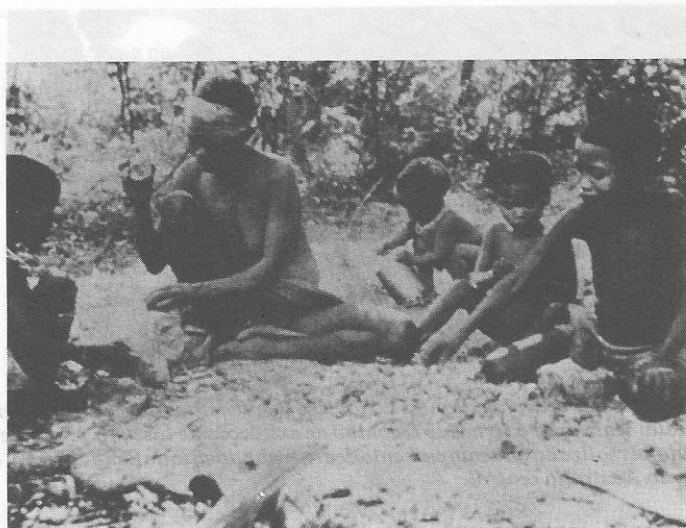


Fig. 86. — Uma família de bosquímanos Kung preparando nozes de mongongo. Observe-se a disposição do grupo, em círculo, sentado a alguma distância da lareira situada em primeiro plano. (Fotografia cedida por Patricia Draper.)

yawara, da Austrália<sup>11</sup>. Pude uma vez observar um homem sentado a tirar lascas de um núcleo. As pequenas esquirolas de impacte produzidas por este tipo de trabalho podiam ser usadas como indício da posição ocupada pelo homem, dado caírem entre as suas pernas e aí ficarem. As lascas, porém, distribuíam-se em arco à sua frente. A forma e o tamanho desse arco eram determinados pelo comprimento dos braços do homem. Numa região do mundo muito diferente (o Norte do Alasca), pude igualmente observar a criação de padrões semelhantes como resultado do trabalho da pedra executado por um grupo de velhos esquimós.

Os modelos espaciais relacionados com o trabalho sentado tornam-se por vezes mais complicados em virtude da presença de vários indivíduos. Acções paralelas, semelhantes ou diferentes, mas executadas por indivíduos diferentes, dão origem a distribuições parcialmente sobrepostas. A figura 88 ilustra bem o esquema clássico da disposição dos lugares sentados em redor da lareira quando vários indivíduos estão envolvidos. Penso que o leitor compreenderá sem dificuldade quão complexa será a natureza dos padrões espaciais originados pelas peças deixadas por um grupo de pessoas sentadas. Este tipo de distribuição foi convertido num modelo idealizado (fig. 89), baseado em obser-

<sup>11</sup> O meu trabalho na Austrália foi feito na condição de convidado de James O'Connell, que na altura estava a trabalhar com os Alyawara. O apoio financeiro foi dispensado pelo Australian Aboriginal Institute, Camberra.



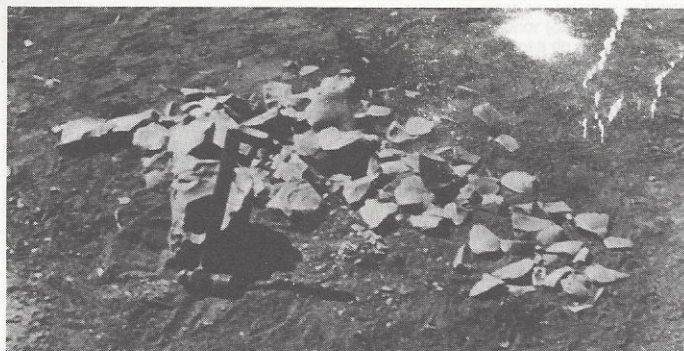


Fig. 87. — Restos de talhe resultantes do fabrico de utensílios de pedra, tal como se encontravam imediatamente após o termo do trabalho de extracção de lascas a partir de um núcleo. Esta actividade foi realizada no acampamento dos homens do sítio de Bendaijerum, ocupado pelos Alyawara, da Austrália central.

vações feitas num sítio esquimó em que era frequente observar-se um grupo sentado em círculo em redor de uma fogueira. Os desperdícios que caíam formavam um anel de peças de pequena dimensão disposto em torno da lareira; a disposição dos objectos de maiores dimensões era, porém, diferente, o que se devia ao facto de as pessoas os atirarem para trás de si, para longe da zona em que se encontravam sentadas.

Para ilustrar este modelo geral de organização dos lugares sentados vou recorrer a um caso específico registado entre os Nunamiut, num acampamento de caça em que os homens estavam a preparar ossos de caribu para obtenção de tutano. Se analisarmos a distribuição espacial das pequenas es-



Fig. 88. — Disposição circular em redor de uma lareira, tal como exemplificada por um grupo de bosquímanos Nharo, em Ganzi, Botswana, por volta de 1969. (Fotografia de H. Steyn, cedida pelo Museu Sul-Africano, Cidade do Cabo.)



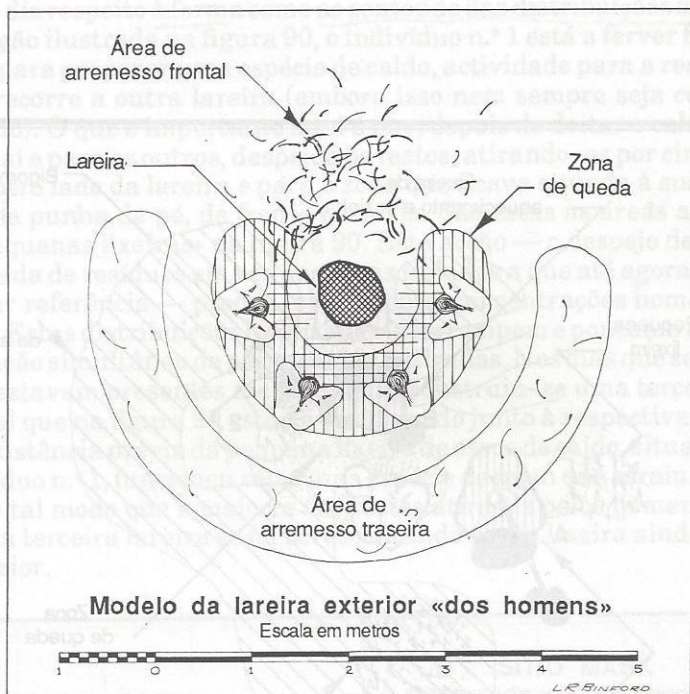


Fig. 89. — Modelo das zonas de «queda» e de «arremesso», desenvolvido a partir de observações feitas no sítio Mask, Anaktuvuk Pass, Alasca (ver Binford, 1978-b.)

quírolas de osso produzidas pela fracturação a que os ossos eram submetidos para se extrair o tutano, verificamos a existência de uma concentração em torno da lareira — a «zona de queda». Estes pequenos fragmentos de osso comportam-se de forma análoga à das esquírolas de impacte produzidas pela debitação de um núcleo de pedra (fig. 87). Tal como no caso dos resíduos de talhe, as pequenas esquírolas de osso eram deixadas *in situ* pelos esquimós, no preciso local em que a actividade de extracção do tutano tinha efectivamente sido realizada. A distribuição dos fragmentos de osso de maior dimensão — a «zona de arremesso» — era, porém, diferente, porque depois de o tutano ser extraído as extremidades dos ossos eram colocadas em ou atiradas para um espaço aberto situado por trás do local ocupado pelos homens. Este processo de atirar para o lado as peças maiores foi-me explicado pelos esquimós como constituindo uma forma de «manutenção preventiva» da área de trabalho. Quando lhes fiz perguntas acerca das diferentes formas de despejo por eles empregadas, a resposta que obtive foi a seguinte: «Há alguém que goste de se sentar em cima de um osso grande?»

A presença de vários indivíduos empenhados em tarefas diferentes à volta de uma mesma lareira pode ser um factor de variabilidade acrescida, tan-



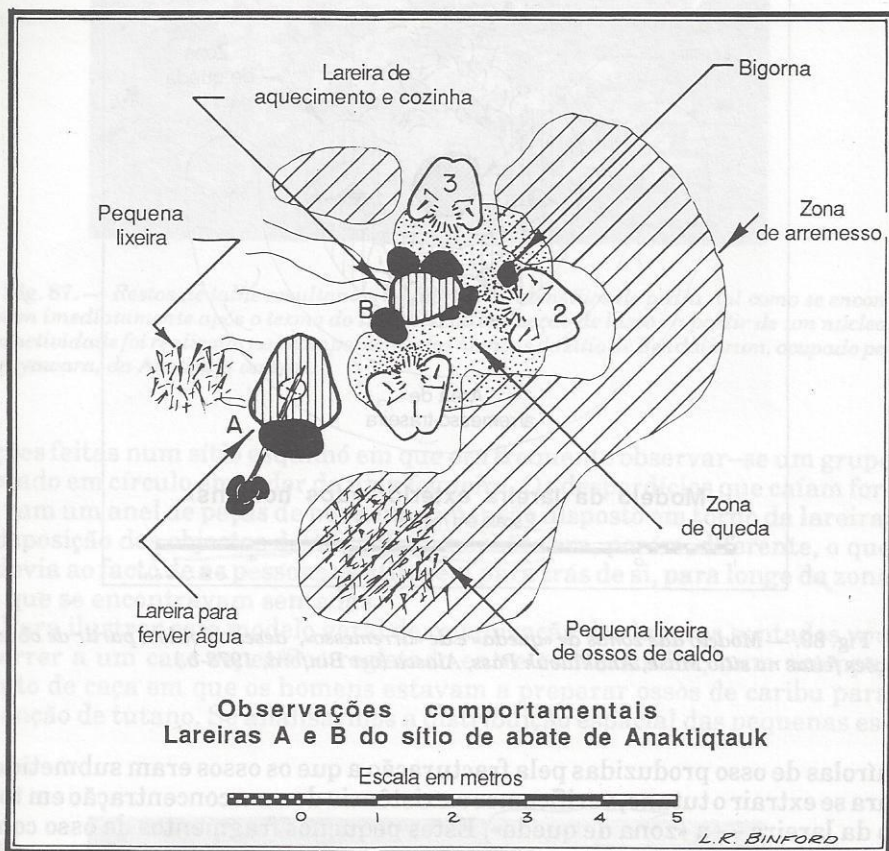


Fig. 90. — «Observações comportamentais feitas nas Lareiras A e B do sítio de abate e esquartejamento de Anaktiqtuk, Anaktuvuk Pass, Alasca» (localização exacta na fig. 53). Dois homens estavam sentados (n.º 2 e 3) junto à lareira B, partindo ossos de caribu e comendo o respectivo tutano. À medida que os ossos iam sendo partidos, as esquirolas de osso que caíam à sua volta entravam na «zona de queda». As extremidades articulares de maior dimensão eram postas de lado ou atiradas para trás, para a «zona de arremesso». A pessoa n.º 1 chegou depois, e sugeriu que se preparasse um caldo a partir dos fragmentos de costelas de caribu ferverdas que trazia consigo e das extremidades articulares dos ossos longos que haviam sobrado depois de se ter acabado de comer o tutano. Para o fazer, ateou-se um lume rápido numa segunda lareira (A), onde uma lata de café foi suspensa sobre o fogo para ferver o caldo (ver fig. 72). A pessoa n.º 1 tomou conta do fogo e manteve a fervura até que o caldo foi considerado pronto, após o que foi deitado para malgas e os pequenos fragmentos de osso que restavam no fundo da lata foram atirados para o outro lado da Lareira A. Enquanto preparava o caldo a pessoa n.º 1 manteve-se de pé. Depois de o caldo ser consumido, o indivíduo n.º 1 apanhou muitos dos fragmentos provenientes da extracção de tutano e preparou uma segunda dose de caldo. Servida esta, os restos foram despejados para trás do local em que o indivíduo n.º 1 se encontrava sentado.



to no que diz respeito à forma como ao conteúdo das distribuições de resíduos. Na situação ilustrada na figura 90, o indivíduo n.º 1 está a ferver fragmentos de ossos para preparar uma espécie de caldo, actividade para a realização da qual se recorre a outra lareira (embora isso nem sempre seja considerado necessário). O que é importante aqui é que, depois de deitar o caldo em malgas para si e para os outros, despejou os restos, atirando-os por cima do lume para o outro lado da lareira e para a zona que ficava situada à sua esquerda quando se punha de pé, de frente para ela. São estas as áreas assinaladas como «pequenas lixeiras» na figura 90. Esta acção — o despejo de uma massa agregada de resíduos em vez das peças isoladas a que até agora temos vindo a fazer referência — produz, obviamente, concentrações homogéneas de objectos. Estas distribuições localizadas interrompem e pontuam o padrão de acumulação simultânea de peças caídas e atiradas. Nos dias que se seguiram, quando estavam presentes mais homens, construiu-se uma terceira lareira num local que na figura 90 estaria posicionado junto à respectiva parte inferior. A existência prévia da pequena lixeira de ossos de caldo, situada por trás do indivíduo n.º 1, funcionou como uma espécie de íman que atraiu outros despejos, de tal modo que a maioria dos restos atirados pelos homens sentados à volta da terceira lareira se foi acrescentando a esta lixeira ainda visível do dia anterior.

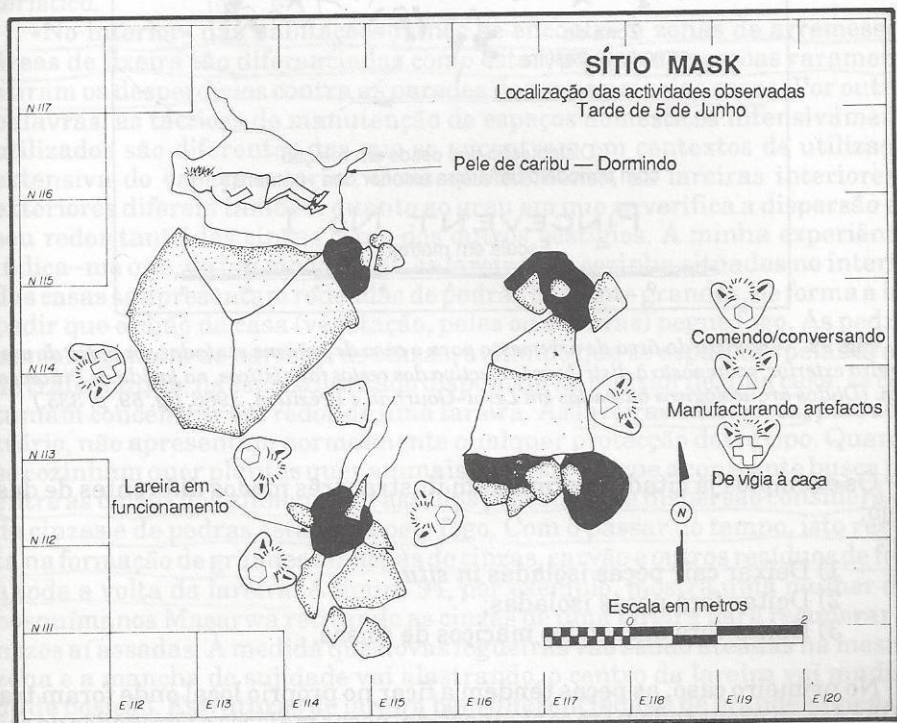


Fig. 91. — Actividades observadas no sítio Mask, Anaktuvuk Pass, Alasca, numa tarde de Primavera.



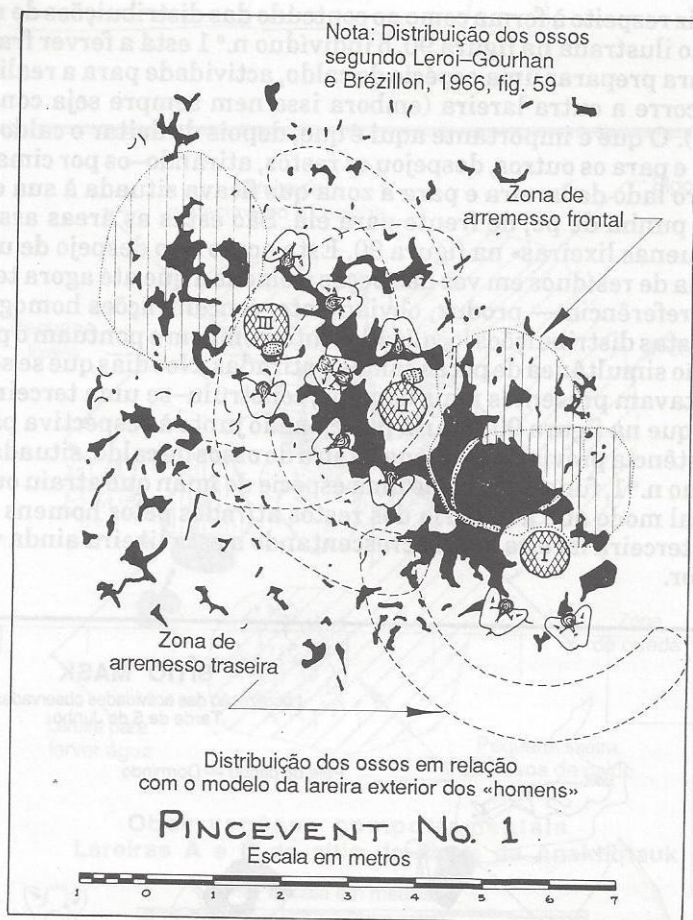


Fig. 92. — Modelo da área de arremesso para o caso de homens sentados em redor de uma lareira exterior, sobreposta à distribuição efectiva dos restos faunísticos, na jazida de Pincevent Um. (Dados arqueológicos baseados em Leroi-Gourhan e Brézillon, 1966, fig. 59, p. 335.)

Os exemplos já citados permitiram ilustrar três modos diferentes de despejo:

- 1) Deixar cair peças isoladas *in situ*;
- 2) Deitar fora peças isoladas;
- 3) Deitar fora agregados maciços de coisas.

No primeiro caso, as peças tendem a ficar no próprio local onde foram trabalhadas ou preparadas; em contrapartida, peças maiores e agregados de coisas pequenas são atirados para a periferia da área de trabalho em que foram utilizadas.

composição e estrutura  
↳ Refúgio Primário e secundário!



### Lareiras de interior e de exterior

O modo como os restos se distribuem em redor de uma lareira fornece-nos indícios que nos permitem determinar se a actividade em questão se desenrolou dentro ou fora de casa. Foi-me possível, por exemplo, documentar o modo como, ao longo de um período de tempo considerável, os esquimós Nunamiut instalados num acampamento de caça (o sítio Mask) utilizavam o espaço à sua disposição. Na minha planta do sítio (fig. 91) podem ver-se quais os padrões de actividade que estavam a ter lugar num determinado momento: um homem dormia deitado numa pele de caribu; outro estava sentado à parte, fabricando utensílios; um terceiro encontrava-se de vigia. Tal como no caso anterior, a maior parte dos homens conversava em redor da fogueira. Como era de prever, os homens sentados em semicírculo à volta do lume atiravam os restos de comida ou directamente para a área em redor da lareira em que, devido à direcção do vento, havia mais fumo, ou então para trás das costas, criando, deste modo, um padrão espacial de «zona de arremesso» muito característico.

«No interior» das habitações nunca se encontram zonas de arremesso e áreas de lixeira tão diferenciadas como estas, porque as pessoas raramente atiram os desperdícios contra as paredes das suas próprias casas. Por outras palavras, as tácticas de manutenção de espaços domésticos intensivamente utilizados são diferentes das que se encontram em contextos de utilização extensiva do espaço exterior. Consequentemente, as lareiras interiores e exteriores diferem também quanto ao grau em que se verifica a dispersão em seu redor tanto das cinzas como dos outros vestígios. A minha experiência indica-me que, de um modo geral, as lareiras de cozinha situadas no interior das casas se apresentam rodeadas de pedras bastante grandes, de forma a impedir que o chão da casa (vegetação, peles ou esteiras) pegue fogo. As pedras também servem de barreira às cinzas, evitando que se espalhem pelas áreas de trabalho que, no espaço limitado disponível no interior de uma casa, se costumam concentrar em redor de uma lareira. As lareiras exteriores, pelo contrário, não apresentam normalmente qualquer protecção deste tipo. Quando se cozinham quer plantas quer animais, verifica-se que a constante busca por entre as cinzas dos alimentos aí assados provoca uma dispersão considerável de cinzas e de pedras estaladas pelo fogo. Com o passar do tempo, isto resulta na formação de grandes manchas de cinzas, carvão e outros resíduos de fogo a toda a volta da lareira. A figura 94, por exemplo, mostra uma mulher dos bosquímanos Masarwa retirando as cinzas de uma lareira para recuperar as nozes aí assadas. À medida que novas fogueiras vão sendo ateadas na mesma zona e a mancha de sujidade vai alastrando, o centro da lareira vai mudando de posição. Estruturas de lareira bem diferenciadas e de grande dimensão só aparecem no exterior das habitações, onde há menos limitações de espaço e as actividades se podem estender por áreas mais vastas.

Os nossos conhecimentos sobre o significado da distribuição dos desperdícios



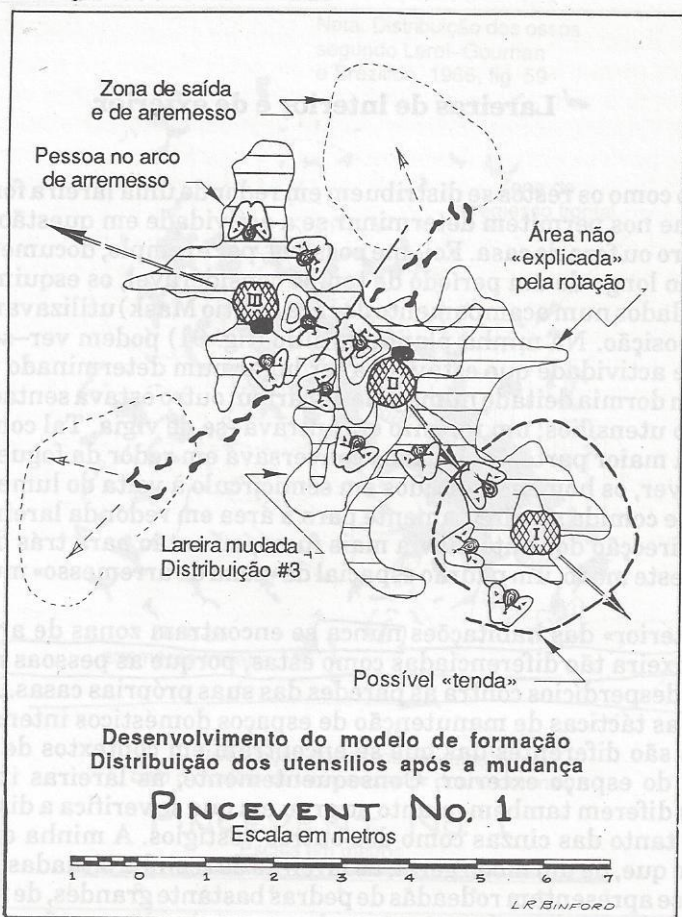


Fig. 93. — Modelo de formação para as lareiras de Pincevent 1. Em resposta a uma mudança na direcção do vento (representado pelas setas maiores), os ocupantes do local passaram para uma lareira adjacente. Uma tal utilização extensiva do espaço não é característica dos espaços limitados do interior de uma habitação. (Dados arqueológicos baseados em Leroi-Gourhan e Brézillon, 1966, fig. 56, p. 331).

cios podem ser utilizados para interpretar os comportamentos ocorridos na estação paleolítica francesa de Pincevent, datada do período magdalenense, há cerca de 15 000 anos<sup>12</sup>. Pegando no modelo dos homens sentados à volta da lareira baseado numa posição de caça dos esquimós modernos, representada pelo sítio Mask, ajustando a respectiva escala, e aplicando-o directamente à

<sup>12</sup> Leroi-Gourhan e Brézillon, 1966, 1972.

Aplicação do modelo ao sítio Mask



distribuição dos resíduos de fabrico de utensílios líticos desta estação arqueológica, verificamos que encaixam perfeitamente. O arqueólogo reponsável pela escavação de Pincevent, Leroi-Gourhan, interpretou o padrão de vestígios arqueológicos aí encontrados como constituindo prova da presença de uma habitação, mas tenho muitas dúvidas quanto à correcção dessa interpretação. Como acabamos de ver, a distribuição de vestígios em forma de *donut* é, pelo menos nos casos etnográficos, característica das actividades realizadas ao ar livre.

A investigação etnográfica fornece provas suplementares em apoio da minha interpretação de Pincevent. Quando as pessoas trabalham ao ar livre, sem abrigo, mudam frequentemente a sua posição por causa das mudanças na direcção do vento. Por exemplo, se houver uma zona plana em que preferem sentar-se, a lareira será colocada em função dessa escolha. Mas se, por acaso, o vento muda de direcção e o fumo começa a incomodá-las, não será por causa disso que o sítio escolhido é abandonado: as pessoas permanecem aí, limitando-se a virar as costas para o vento e a acender outra fogueira. Deste modo, não precisam de transferir todo o seu equipamento para o lado opo-

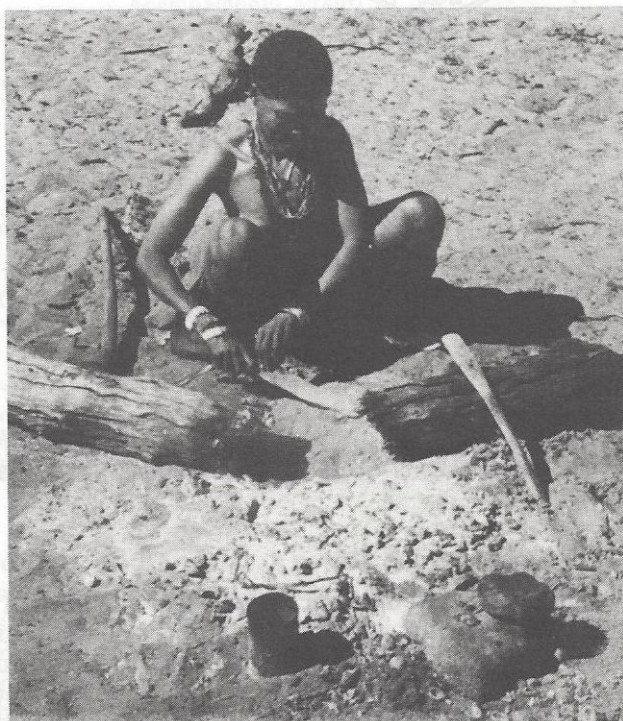


Fig. 94. — Uma mulher dos bosquimanos Masarwa removendo as cinzas do lume para recolher as nozes nele assadas. Observe-se a disposição do percutor, da bigorna e das cascas de nozes, no local onde outra pessoa tinha estado sentada a trabalhar (ver fig. 82). (Fotografia cedida pelo Museu Nacional de História da Cultura, Pretória).



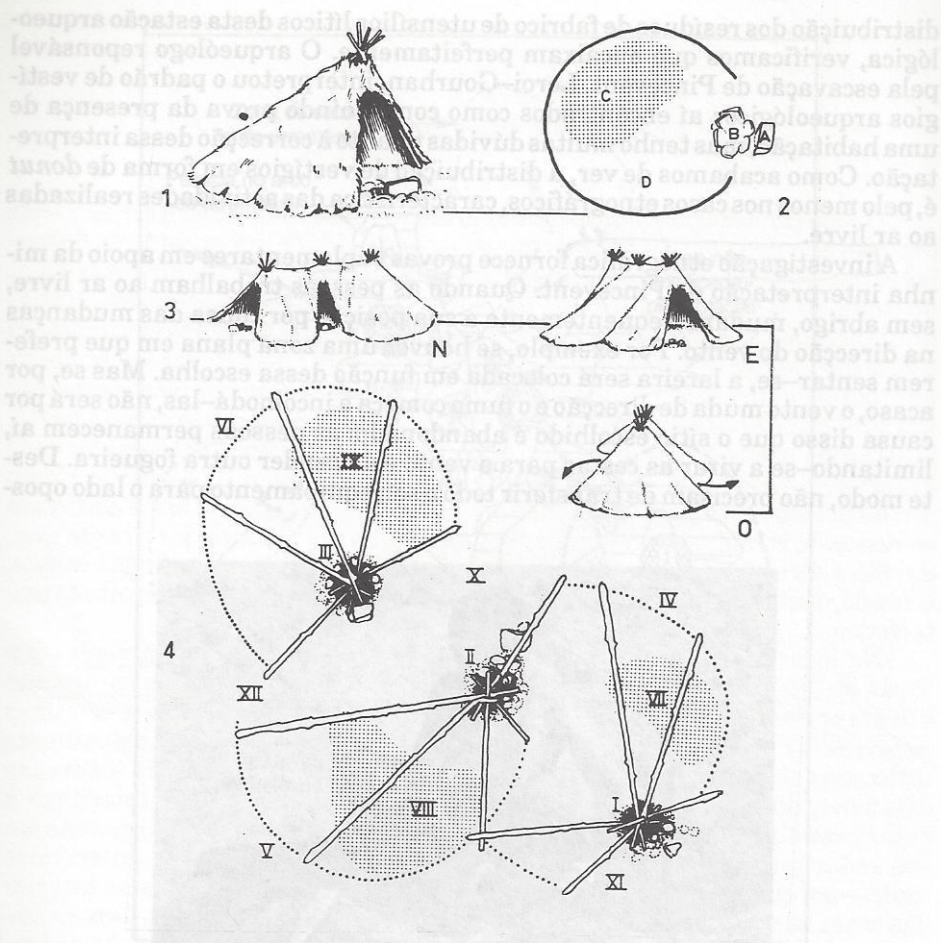


Fig. 95. — Reconstituição proposta por Leroi-Gourhan para as trêslareiras de Pincevent 1. (Reproduzido com autorização de Leroi-Gourhan e Brézillon, 1966, fig. 78, p. 363.)

to da lareira original e de se sentar em cima do lixo que para aí tinham atirado. Quando não se está constrangido pelos limites de uma casa ou de um abrigo temporário, construir uma lareira nova é mais fácil do que reposicionar-se em relação às instalações existentes. Dado que as mudanças de direcção do vento não afectam as lareiras interiores, é só em situações de exterior que é lógico esperar a ocorrência deste fenómeno de rotação de lareiras.

A maneira como a distribuição dos vestígios se encontra relacionada com a posição das três lareiras de Pincevent sugere que o uso de duas delas foi feito por uma única pessoa. O que parece ter acontecido é que o vento mudou de

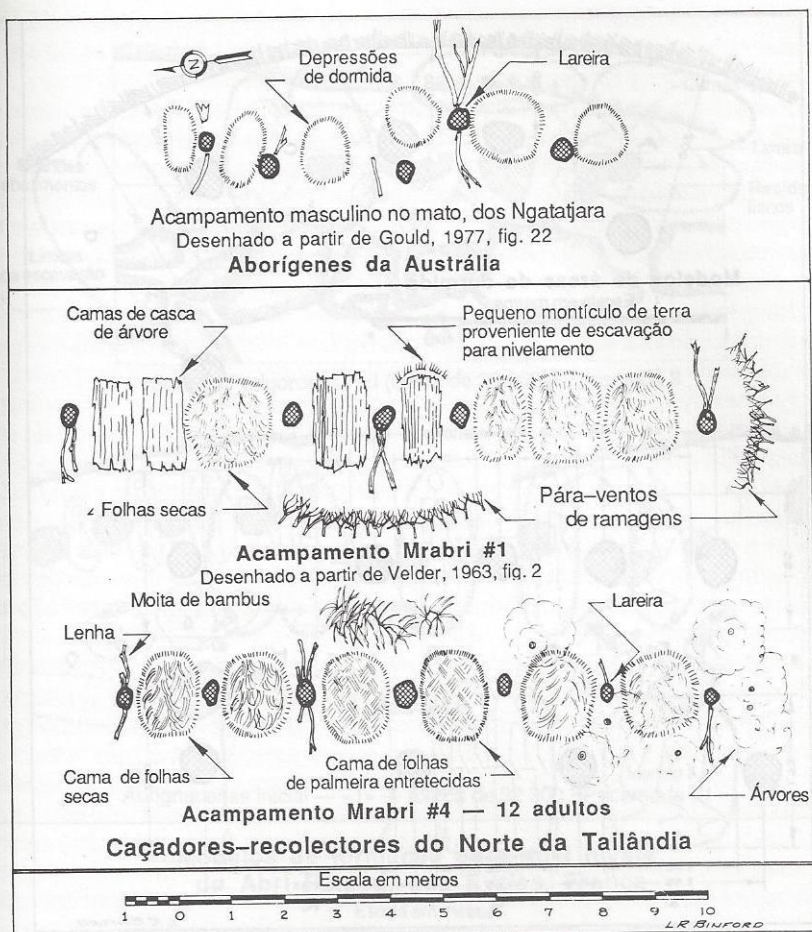


Fig. 96. — Comparação da organização das zonas de dormida entre os aborígenes da Austrália e entre os Mrabri do Norte da Tailândia (ver fig. 1). Observe-se a recorrência do padrão de alternância entre camas e lareiras. (Baseado em Gould, 1977, fig. 22 e Velder, 1963, fig. 2.)

direcção e que, para evitar o fumo, a pessoa que estava sentada a trabalhar se limitou a rodar 180° e a construir outra lareira. Uma vez que o vento só afecta as lareiras exteriores, a reconstituição de uma complexa tenda de peles cobrindo as três lareiras<sup>13</sup>, proposta por Leroi-Gourhan, não pode continuar a ser defendida, pelo menos à luz da nova compreensão da estruturação dos sítios que a investigação etno-arqueológica nos permitiu obter.

<sup>13</sup> Leroi-Gourhan e Brézillon, 1966, fig. 58.



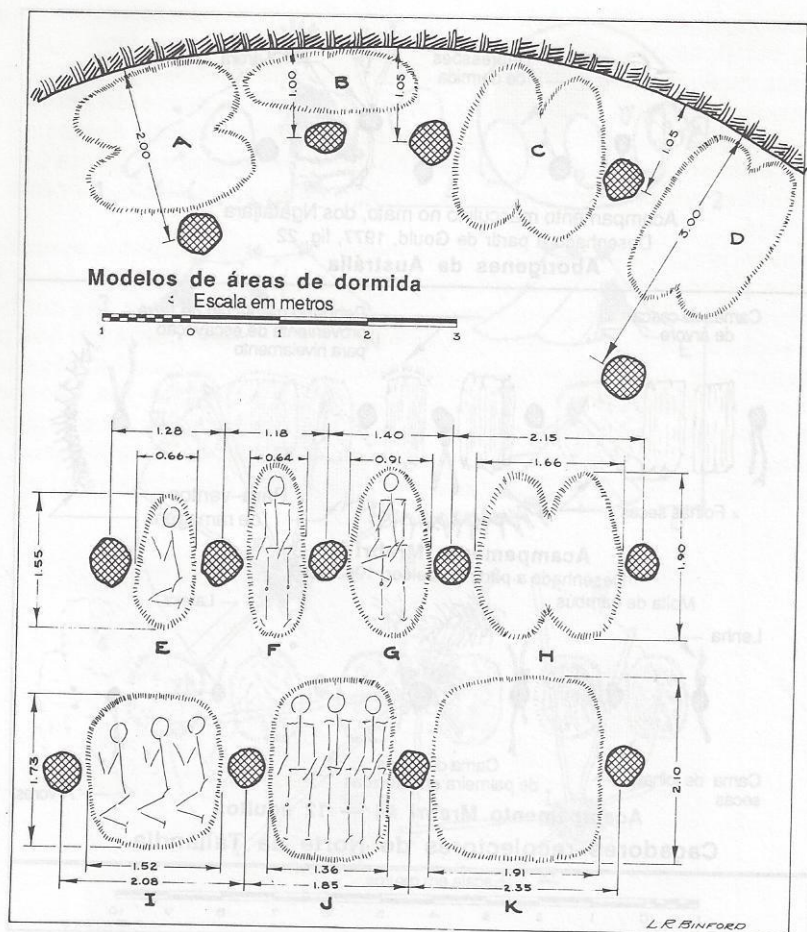


Fig. 97. — Modelo de áreas de dormida: esquema generalizado da disposição e tamanho das áreas de dormida baseado em observações realizadas entre um grande número de povos caçadores-recolectores.

### Áreas de dormida

Outro aspecto em que os padrões do registo arqueológico são afectados pela estatura e mecânica do corpo humano é o que diz respeito ao espaço necessário para dormir. Apesar de o registo etnográfico conter exemplos muito diversificados de arranjos de dormida, essa diversificação é determinada pela acção de um número limitado de factores conhecidos. Num acampamento utilizado por um destacamento exclusivamente masculino de caçadores aboríge-

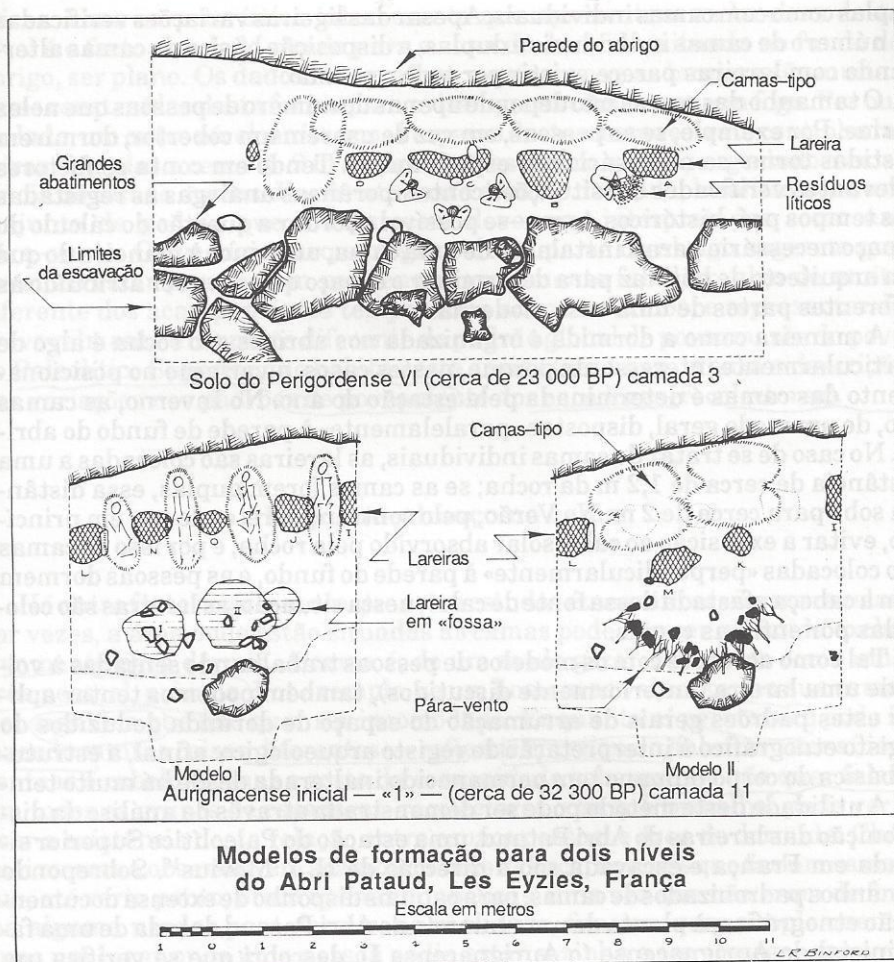


Fig. 98. — Modelo de formação dos arranjos de dormida em diversas camadas do Abri Pataud. (Dados arqueológicos extraídos de Movius, 1975.)

nes Ngatatjara, da Austrália, por exemplo<sup>14</sup>, verificava-se um padrão de alternância entre camas e lareiras. Em contraste, quando há casais no acampamento, como num caso documentado entre os Mrabri (grupo de caçadores-recolectores da floresta tropical da Tailândia<sup>15</sup>), as lareiras alternavam com espaços ocupados por camas duplas em vez de camas individuais; quando a composição social do grupo era mista as lareiras alternavam tanto com camas

<sup>14</sup> Gould, 1977, fig. 22.

<sup>15</sup> Velder, 1963, fig. 2.



duplas como com camas individuais. Apesar das ligeiras variações verificadas no número de camas individuais e duplas, a disposição básica de camas alternando com lareiras parece existir por todo o mundo.

O tamanho das camas não depende apenas do número de pessoas que nelas dorme. Por exemplo, se as pessoas, em vez de usarem um cobertor, dormirem vestidas torna-se necessário um espaço maior. Tendo em conta os factores relevantes verificados em situações contemporâneas análogas às registadas nos tempos pré-históricos, torna-se possível abordar a questão do cálculo do espaço necessário para a instalação de uma cama, um pouco à maneira do que um arquitecto de hoje faz para determinar o espaço que deve ser atribuído às diferentes partes de uma casa moderna.

A maneira como a dormida é organizada nos abrigos sob rocha é algo de particularmente interessante porque, nestes casos, a variação no posicionamento das camas é determinada pela estação do ano. No Inverno, as camas são, de um modo geral, dispostas «paralelamente» à parede de fundo do abrigo. No caso de se tratar de camas individuais, as lareiras são colocadas a uma distância de cerca de 1,2 m da rocha; se as camas forem duplas, essa distância sobe para cerca de 2 m. No Verão, pelo contrário, pretende-se, em princípio, evitar a exposição ao calor solar absorvido pela rocha, e por isso as camas são colocadas «perpendicularmente» à parede do fundo, e as pessoas dormem com a cabeça afastada dessa fonte de calor; nesta situação, as lareiras são colocadas por entre as camas.

Tal como acontece com os modelos de pessoas trabalhando sentadas à volta de uma lareira (anteriormente discutidos), também podemos tentar aplicar estes padrões gerais de arrumação do espaço de dormida deduzidos do registo etnográfico à interpretação do registo arqueológico: afinal, a estrutura básica do corpo humano tem permanecido inalterada desde há muito tempo. A utilidade deste método pode ser demonstrada através da análise da distribuição das lareiras do Abri Pataud, uma estação do Paleolítico Superior situada em França e escavada sob a direcção de H. I. Movius<sup>16</sup>. Sobrepondo tamanhos padronizados de camas, para os quais disponho de extensa documentação etnográfica, à planta de uma camada do Abri Pataud datada de uma fase inicial do Aurignacense (o Aurignacense I), descobri que se verifica um ajustamento perfeito entre os padrões espaciais arqueológicos e um esquema de camas individuais situadas entre as lareiras. Como já referi, a alternância entre lareiras e camas individuais é, nos grupos modernos, típica dos padrões de dormida encontrados nos acampamentos de caça exclusivamente masculinos. A combinação deste tipo de distribuição das camas com a presença de lareiras em fossa situadas em frente da área de dormida parece-me, assim, indicar que o sítio não era, nesta época, usado para fins residenciais (como originalmente foi defendido por Movius) mas apenas como um acampamento temporário.

Noutra camada do Abri Pataud, pertencente à fase do Perigordense VI, a ocupação humana também deve ser considerada como representando um acampamento temporário de caça, dado o espaçamento verificado entre as la-

<sup>16</sup> Movius, 1975, 1977.

UNIFORM-  
MENTE  
RISMO

REGISTO  
DEDUTIVO

ISSO JUSTA  
FICA O  
UNIFORME  
MITARISMO

EXATA  
MENTE  
O  
CONTRÁRIO  
DE  
MAUSS



reiras. Uma característica interessante que apresentam as lareiras deste nível é o facto de o lado virado para a zona de dormida, situada no fundo do abrigo, ser plano. Os dados etnográficos mostram que as lareiras são muitas vezes construídas desta forma para evitar que as camas peguem fogo. Por outro lado, um outro nível muito pouco espesso deste mesmo estrato continha lareiras situadas a cerca de 2 m da parede traseira do abrigo, sugerindo a existência de camas duplas. Em frente dessa área de dormida, localizava-se um conjunto de pedras que me parecem dever ser interpretadas como um pára-vento. Os vestígios arqueológicos desta parte do abrigo sugerem que devemos estar perante um pequeno acampamento familiar, algo de muito diferente dos acampamentos temporários acima referidos, e representando provavelmente uma parte diferente do padrão global de povoamento do povo do Paleolítico Superior que habitou esta região (ver o cap. VI para a descrição das variações nos padrões de povoamento dos caçadores-recolectores).

### Pequeno-almoço na cama

Há outro facto interessante que estes estudos etnográficos vieram revelar: por vezes, a área onde estão situadas as camas pode não ser utilizada exclusivamente para dormir. A cama é, de um modo geral, concebida como uma área pessoal, privada. Por exemplo, se um homem se vai sentar na sua cama, isso significa que não quer ser incomodado. Enquanto aí permanece pode ir fazendo muitas coisas diferentes — reflectir em silêncio, fabricar utensílios, pentear o cabelo —, mas o resto da comunidade sabe que ele não quer falar. Em todos os grupos de caçadores-recolectores com que trabalhei pude verificar a existência desta relação entre espaço pessoal e área de dormida. Cheguei mesmo a observar, em acampamentos de caça, homens que faziam camas que, até certo ponto, eram apenas simbólicas, uma vez que não eram de forma alguma usadas para dormir; na realidade, funcionavam simplesmente como um lugar onde uma pessoa podia estar sozinha e em sossego, aproveitando eventualmente a ocasião para proceder a quaisquer reparações de que o seu equipamento se encontrasse necessitado.

Este uso das camas como espaços pessoais nos acampamentos dá origem a interessantes distribuições de materiais cuja presença no registo arqueológico podemos também tentar verificar. De um modo geral, os caçadores-recolectores comem uma refeição em grupo à noite. É frequente acontecer que, terminada a refeição, cada um leve consigo sobras de comida para junto da cama (carne fria ou um osso de coelho, por exemplo) para serem consumidas ao pequeno-almoço. Com efeito, as manhãs podem ser frias, e as pessoas podem acordar ensonadas ou rabugentas, pelo que, compreensivelmente, gostam de se sentar na cama e comer em silêncio. A consequência disto é a formação de pequenas lixeiras junto de cada cama. Além das sobras do dia anterior, essas lixeiras poderão conter também ossos de pequenos mamíferos que, não tendo sido objecto de partilha com o resto do grupo, foram cozinhados nas lareiras situadas junto das camas e aí consumidos. Por isso, é de esperar que, nas



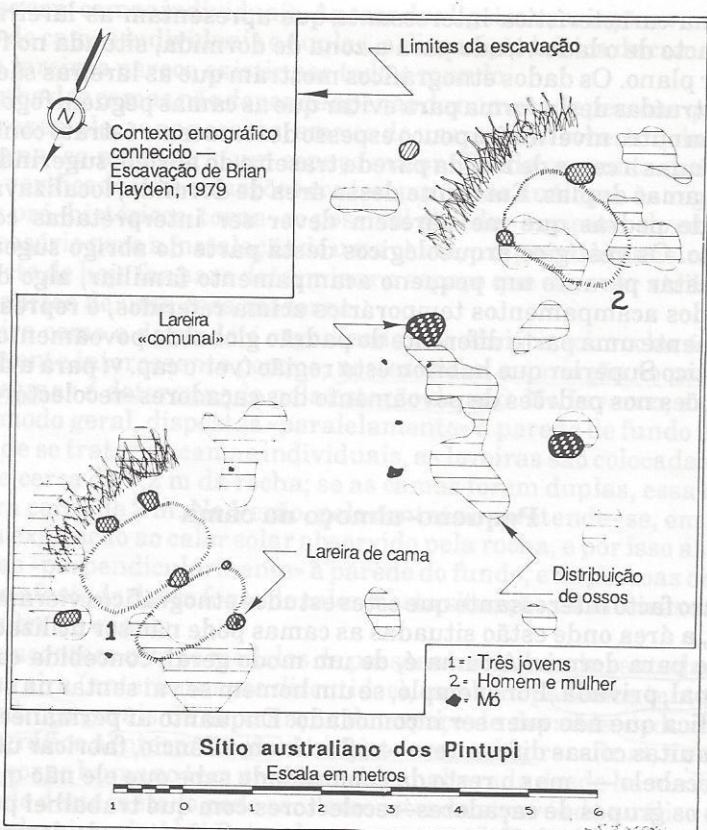


Fig. 99. — Acampamento dos aborígenes Pintupi mostrando pequenas lareiras e restos de pequeno-almoço em redor das áreas de dormida. (Baseado em Hayden, 1979, desenho 1 25B, p. 152).

\* jazidas arqueológicas, os restos das refeições individuais e os das refeições em grupo se apresentem diferencialmente distribuídos.

Os restos dos «pequenos-almoços na cama» nem sempre são depositados no local de consumo da refeição. Num acampamento de bosquímanos, depois de as pessoas terem acordado e comido as suas refeições individuais, os respectivos restos são apanhados para cima das peles ou cobertores da cama, levados para o exterior da cabana e sacudidos<sup>17</sup>. Este comportamento origina «lixeiros de pequeno-almoço» situadas ao lado das áreas de dormida ou mesmo junto à porta. Pode também observar «despejos de porta» em acampa-

<sup>17</sup> Pat Draper, comunicação pessoal.



mentos dos esquimós e dos aborígenes australianos, e disponho de dados suplementares do mesmo género relacionados com povoados ocupados por povos horticultores.

### Áreas de actividade extensivas

Algumas tarefas que as pessoas costumam executar de pé e não sentadas, dão origem à formação de manchas de dispersão muito extensivas. Um bom exemplo deste tipo de actividades que ocupam muito espaço é a preparação e uso de lareiras em fossa para assar comida ao ar livre. Os aborígenes Alywara, com quem trabalhei, costumam usar as lareiras em fossa para várias funções. Em certa ocasião, em que tanto eu como James O'Connell estávamos presentes, foi possível observar como a construção e a utilização da própria lareira contribuíam para a dimensão da área de actividade daí resultante. Tínhamos penetrado profundamente no interior do mato, acompanhando um grupo de homens que se dirigia para uma pedreira; de caminho, os homens

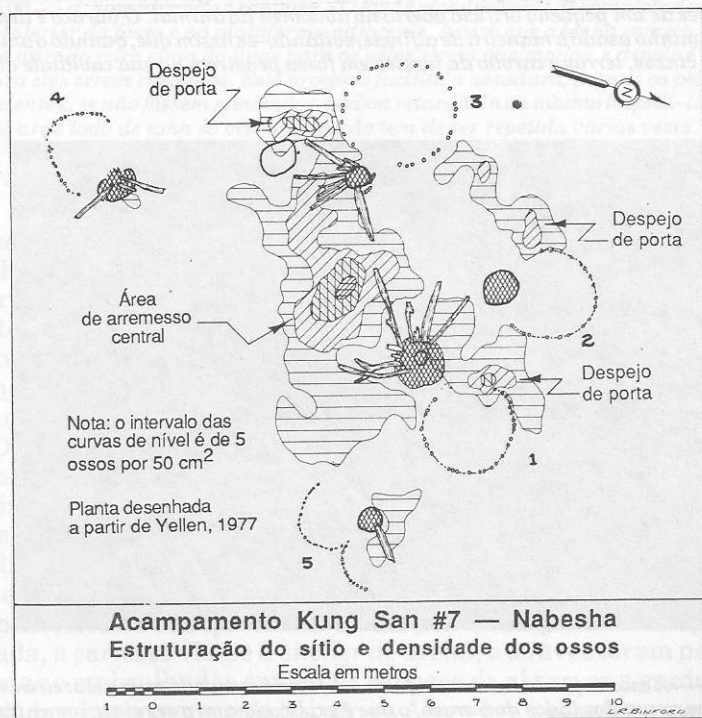


Fig. 100. — Acampamento n.º 7 dos Kung San, tal como registado por John Yellen. Observem-se os «despejos de porta» à direita da entrada das cabanas, constituídos pelos restos dos pequenos-almoços consumidos nas camas situadas no interior das cabanas. (Baseado em Yellen, 1977, planta final do acampamento 7.)



Fig. 101. — «Um aborígene Alyawara esquartejando um canguru fêmea.» As vísceras são extraídas através de um pequeno orifício aberto no abdômen do animal. O buraco é depois fechado com um raminho usado à maneira de alfinete, evitando-se assim que, quando o animal é posto a assar, as cinzas, terras e carvão da lareira em fossa penetrem na sua cavidade abdominal.



Fig. 102. — «A escavação da lareira em fossa.» A fossa é escavada numa clareira e a terra solta é atirada para um dos lados do buraco, o que é explicado com o seguinte comentário: «é melhor aquecer terra seca» (comentário este que se refere ao facto de o fogo ser ateado tanto à volta da fossa como no seu interior). A terra aquecida na plataforma junto à fossa é depois atirada para o seu interior, de forma a selar o forno de terra em que a comida é cozinhada (ver fig. 105). A fotografia documenta o momento em que a lenha está a ser colocada na plataforma junto à fossa.



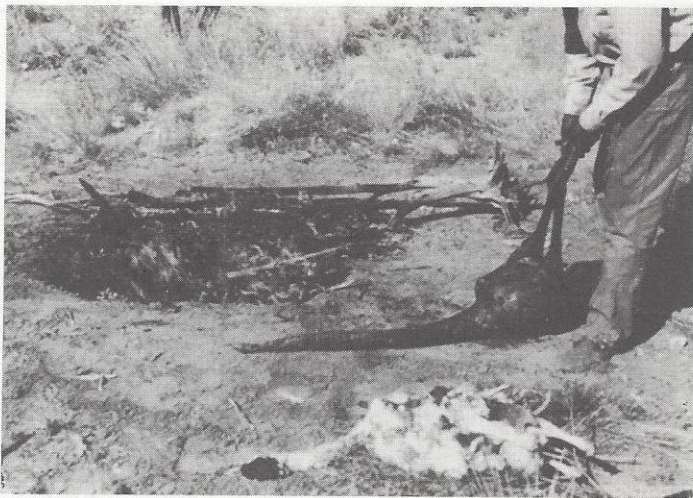


Fig. 103. — «Chamuscando o canguru.» O fogo é ateado depois de completada a colocação da lenha no interior da fossa e na plataforma adjacente. Assim que a lenha começa a arder bem, o canguru é atirado para cima do lume para os pêlos serem queimados, e depois é novamente retirado para eles serem raspados. Este processo facilita a assadura, porque os pêlos são um isolante excelente e, se não fossem removidos, podem retardá-la ou mesmo impedi-la. Uma vez que o pêlo não arde todo de uma só vez, a operação tem de ser repetida várias vezes.

caçaram um canguru fêmea com uma cria na bolsa, e três abetardas da Austrália. Em dias quentes, como era aquele, a caça abatida longe do acampamento residencial costuma ser cozinhada no campo para evitar que se estrague antes do regresso à base.

Os homens iniciaram o trabalho, começando por esquartejar o canguru com uma faca de pedra e um machado de metal que tínhamos trazido connosco. Os animais grandes, como estes, costumam ser cozinhados dentro das suas peles. O pequeno buraco feito no abdómen do canguru para lhe serem tiradas as vísceras teve, por isso, de ser fechado e atado com um raminho de acácia. A seguir, escavou-se uma fossa com cerca de 1,5 m de comprimento, pouco mais de 0,5 m de largura e cerca de 0,5 m de altura. A lenha foi recolhida e acumulada junto à fossa, e o lume foi ateado. À medida que a lenha ia ardeno ia-se chamuscando o pelo do canguru de modo a facilitar a sua remoção. Entretanto, foram-se espalhando folhas pelo chão (para evitar que, uma vez cozinhada, a carne se viesse a encher de areia), e as aves foram parcialmente depenadas e embrulhadas em folhas capazes de absorver a gordura do assado. Quando o lume começou a baixar, os Alyawara pegaram em paus e começaram a bater na lenha de modo a que o carvão se fosse acumulando no fundo da fossa. Quando chegaram à conclusão de que o forno estava pronto para receber o canguru, os homens colocaram-no na fossa, de pernas para o ar, juntamente com as aves nos seus embrulhos de folhas, e recobriram os animais





Fig. 104. — «Preparação do carvão.» Faz-se um lume forte, de modo a que a lenha queime rapidamente. O chamuscar do animal, bem como o bater na lenha que arde, dão origem à acumulação de uma boa camada de carvão. Quando se considera que a quantidade de carvão produzida pela madeira queimada é suficiente, o resto da lenha ainda a arder é retirada e atirada para o lado, deixando-se apenas o carvão acumulado no fundo da fossa e na plataforma adjacente (como se pode observar na figura). Observe-se igualmente a área de circulação em redor da lareira, assim como a restante comida que vai ser cozinhada (estendida em cima de uma pequena mesa de folhas de modo a não ficar suja).

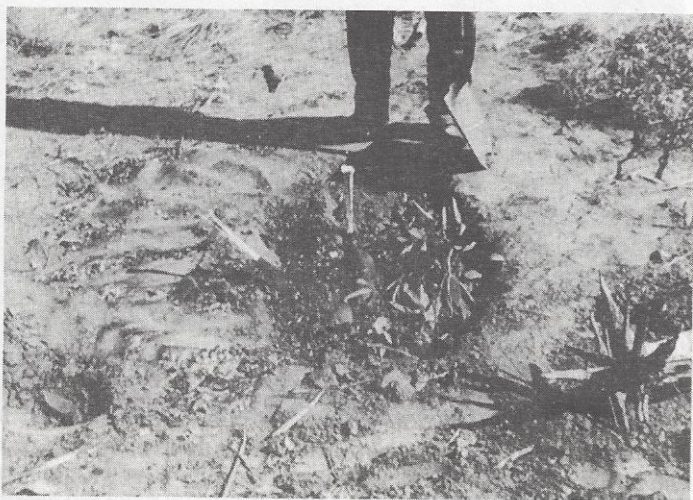


Fig. 105. — «Pondo a comida a assar.» O canguru é aninhado no carvão acumulado no interior da fossa, seguindo-se-lhe as aves, embrulhadas em folhas para não perderem o molho gerado pela assadura. A cozedura começa assim que o carvão e a areia quente da plataforma são atiradas para dentro da fossa de modo a recobrirem completamente a carne.



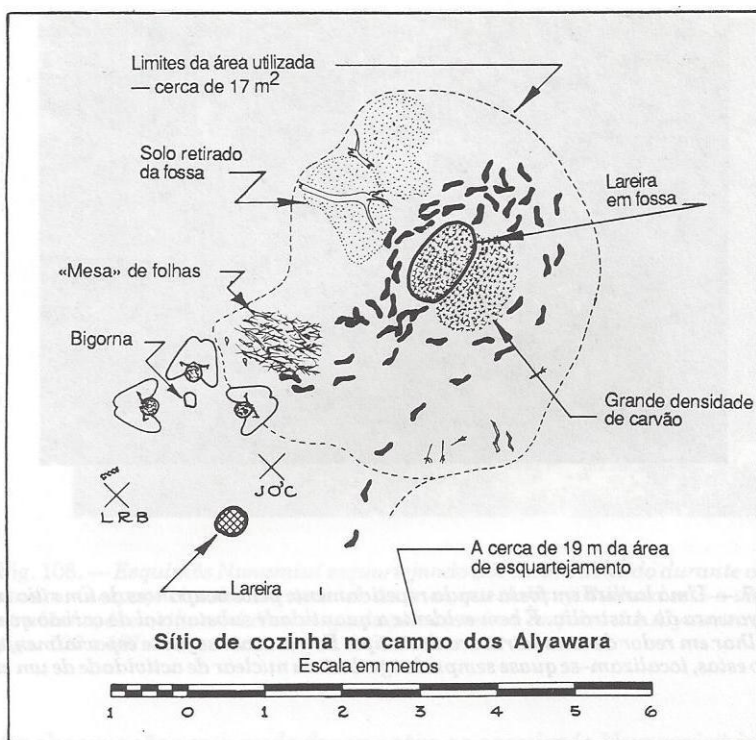


Fig. 106. — *Planta da zona da lareira em fossa dos Alyawara.* Observe-se a localização do sítio em que os aborígenes consumiram uma refeição ligeira enquanto esperavam que a carne ficasse pronta. «LRB» e «JOC» indicam os locais onde os arqueólogos tomaram as suas próprias refeições de feijão enlatado! A planta mostra bem a extensão da área ocupada por uma actividade como esta, de cozinhar comida numa lareira em fossa.

com o resto do carvão. A carne foi então deixada a assar durante cerca de uma hora.

À medida que a actividade se ia desenrolando, íamos tomando nota dos padrões espaciais gerados por este conjunto de tarefas, e fizemos uma planta da zona em que registámos a localização de todas as estruturas com visibilidade arqueológica potencial. A fossa, a área em que a lenha ardeu, a terra da fossa, o local para onde foi atirada a lenha que sobrou, os ramos de árvores em que a carne foi colocada antes de ser posta a assar, o lugar onde a cauda do canguru foi preparada enquanto se esperava que a carne ficasse pronta, até mesmo a área onde o Jim O'Connell e eu tínhamos feito a lareira em que aquecemos o nosso feijão — tudo foi cuidadosamente localizado na planta.

Um facto interessante que ressaltou do estudo deste assado de canguru foi a existência de uma certa regularidade na área ocupada por pessoas exe-

\* Visível  
da terra assada  
de feijão



Fig. 107. — Uma lareira em fossa usada repetidamente pelos ocupantes de um sítio residencial dos Alyawara da Austrália. É bem evidente a quantidade substancial de carvão que acaba por se espalhar em redor de uma estrutura deste tipo. Estruturas «sujas» e espacialmente extensivas, como estas, localizam-se quase sempre longe da área nuclear de actividade de um sítio habitado.

cutando tarefas de pé (cerca de 17 m<sup>2</sup> a 24 m<sup>2</sup>). Além disso, a sequência de actos que acaba de ser descrita dá origem a um padrão clássico, organizado em torno de uma estrutura, neste caso a lareira em fossa; à volta desta, um espaço de trabalho, por sua vez circundado por um anel periférico constituído pela acumulação dos restos que se foram deitando fora. Os desperdícios directamente associados com o uso da fossa ficam concentrados nas suas imediações; os outros vão-se também acumulando à sua volta, se bem que a uma distância maior, dando assim origem à formação de uma zona de arremesso.

Outra actividade executada de pé que dá origem a um padrão semelhante é o esquartejamento de animais. A diferença principal entre o assado e o esquartejamento reside em que, no caso desta última actividade, não há quaisquer vestígios de uma estrutura central que possam vir a ser observados por um arqueólogo. De um modo geral, a pessoa que está a esquartejar o animal executa o seu trabalho no interior de uma área circular centrada neste último, virando a carcaça de um lado para o outro se necessário, caso em que a pele é utilizada como superfície de trabalho protegida. Isto dá origem a:

- 1) Um espaço de trabalho e circulação em volta do animal;
- 2) Restos que se deitam fora e se acumulam na periferia desse espaço de trabalho.

Padrão  
de  
Refúgio \*





Fig. 108. — *Esquimós Nunamiut esartejando um caribu abatido durante a migração da Primavera. O espaço circular em redor do animal, que Johnny Rulland está a usar para fazer o seu trabalho, é semelhante à área ocupada pelas lareiras em fossa dos Alyawara apresentadas nas figs. 106 e 107.*

As observações que pude fazer entre os esquimós Nunamiut indicam que o esartejamento dos caribus exige um espaço de cerca de 30 m<sup>2</sup>. É este o modelo (sobreposto à distribuição arqueológica real originada pelo esartejamento de caribus no sítio de Anavik) que aparece representado na figura 61. As áreas de esartejamento dos sítios de esquimós e aborígenes apresentam ainda uma outra razão de interesse. Nestes grupos<sup>18</sup>, com efeito, a distribuição da carne é, normalmente, feita nos próprios locais de esartejamento, e não na área residencial, porque, como os meus informadores tiveram ocasião de referir, dividir a carne e visitar os parentes para «conversar» são coisas diferentes (o que subentende um domínio de aplicabilidade restringido ao interior dos limites do «lar» das normas de cortesia relacionadas com a hospitalidade).

Distribuições de restos análogas, e a escala espacial semelhante, foram também observadas por Robert Hard entre os Tarahumara, do México. Este povo cozinha plantas do deserto em grandes lareiras em fossa, normalmente posicionadas nas traseiras das casas, longe das áreas de actividade situadas junto às respectivas portas de entrada. (Regra geral) com efeito, as actividades que monopolizam quantidades consideráveis de espaço (como o esartejamento ou os assados feitos em lareira em fossa) tendem a desenrolar-se longe das áreas mais intensivamente usadas no dia a dia. Os aborígenes aus-

compartilham  
raças

'lar'  
correlato  
to

<sup>18</sup> Binford, 1978-a, pp. 142-145.

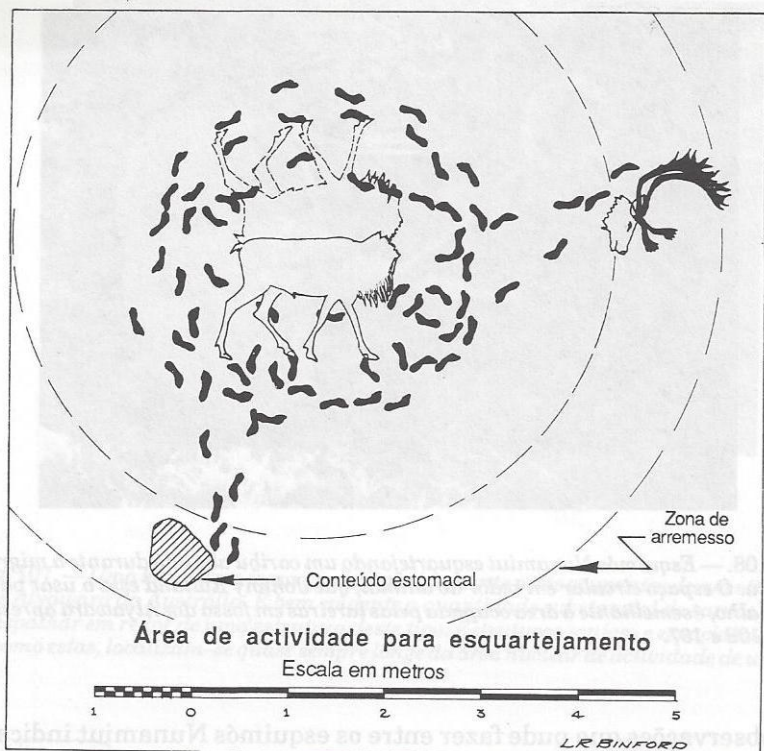


Fig. 109. — Área de actividade utilizada pelos Nunamiut para esquartejar um caribu. A estrutura do espaço de trabalho é praticamente idêntica à da lareira em fossa dos Alyawara representada nas figs. 106 e 107. Neste caso, a área total é, no entanto, um pouco maior, porque as partes desprezadas foram atiradas para a periferia da área de trabalho e circulação.

tralianos, por exemplo, constroem sempre as suas lareiras em fossa em zonas situadas na periferia do centro de actividade do acampamento — ou seja, as áreas utilizadas para dormir, conversar, trabalhar ou cozinhar em pequena escala — mesmo quando instalados em locais em que se prevê uma estada muito curta. Eu próprio pude observar opções de localização muito semelhantes entre os esquimós e os navajos, os quais, com efeito, costumam construir as suas lareiras em fossa junto de zonas usadas como pequenas lixeiras ou como locais para cortar madeira, de modo a não interferirem com as actividades normais da vida no acampamento. No caso destes dois povos, aliás, pude mesmo verificar que as diversas actividades espacialmente extensivas, que se realizam de pé, costumam ter lugar em áreas adjacentes. No caso dos sítios dos esquimós, por exemplo, é frequente que as áreas de esquartejamento se encontrem ao pé de áreas de armazenamento ou de carregamento de trenós, umas como outras estando quase sempre situadas na periferia da área





Fig. 110. — Distribuição da carne de um canguru assado numa lareira em fossa situada na periferia de um acampamento residencial dos Alyawara, da Austrália. As crianças são por vezes utilizadas como mensageiros para levarem a respectiva parte de carne às pessoas que não estão presentes.



Fig. 111. — Bosquímano raspando uma pele no acampamento Mokadi da zona «Nyae Nyae», da Namíbia, em 1976. (Fotografia cedida pelo Museu Sul-Africano, Cidade do Cabo.)

nuclear da residência, em virtude da grande quantidade de espaço que ocupam.

O trabalho das peles é outra das actividades que, de um modo geral, se desenrola na periferia das áreas centrais dos acampamentos residenciais. Quando se trata apenas de uma ou duas peles pode até acontecer que sejam simplesmente estendidas, presas ao chão com estacas, mesmo ao lado ou por



Fig. 112.—Grande lareira em fossa situada nas traseiras de uma casa Tarahumara no Norte do México. Vê-se claramente a área de trabalho e circulação em redor da fossa. Há aqui uma boa analogia espacial com as áreas de esquartejamento dos esquimós (fig. 109) e as lareiras em fossa dos aborígenes australianos (figs. 106 e 107). (Fotografia cedida por Robert Hard.)

trás dos abrigos. Mas, quando se trata de grandes quantidades, levam-se para um local situado a uma distância maior do centro das actividades residenciais, e é aí que são trabalhadas. É frequente que o local escolhido seja uma superfície plana de onde, no caso de se tratar de uma zona pedregosa, as pedras são retiradas e postas de lado, podendo no entanto vir ainda a ser usadas como pesos para segurar as peles. Quando isso acontece, a forma circular em que são dispostas pode levar a interpretações erradas, como as de que se trataria de pesos para fixação de tendas. Um arqueólogo desprevenido poderia também, aliás, interpretar como estruturas de algum tipo as próprias pilhas de pedras resultantes da limpeza do terreno.



### A estruturação dos sítios: combinar os modelos

Tal como anteriormente se referiu, os sítios são o resultado da combinação, sob diversas formas, de três constituintes básicos: instalações, superfícies e objectos. O que temos vindo a fazer até aqui tem sido tentar ver de que modo essas combinações destes três elementos básicos podem contribuir para a formulação de modelos espaciais gerais relacionados com actividades determinadas (por exemplo, arranjos típicos do trabalho sentado, arranjos típicos do estar sentado em grupo, áreas de dormida, áreas extensivas relacionadas com tarefas executadas de pé, etc.). A partir de agora, porém, podemos começar a debruçar-nos também sobre a análise dos sítios arqueológicos como um todo, começando a procurar saber de que modo esses diferentes modelos se articulam uns com os outros para formar um sítio completo. É a isto que eu chamo «análise da estruturação do sítio»: ou seja, o modo como os diferentes modelos se combinam para formar a rede organizacional que constitui a estrutura do sítio entendido como um todo, como entidade de direito próprio. Embora não tenhamos aqui espaço suficiente para que nos seja possível ter em consideração a gama completa da variabilidade na estruturação dos sítios que se



Fig. 113. — Acampamento de bosquímanos, em Angola, por volta de 1930. Trata-se neste caso dos «bosquímanos Amarelos», também conhecidos como Sekele (ver Almeida, 1965, para mais informações). Observe-se a posição da lareira em frente do abrigo, construído para dar sombra durante as horas de maior calor. (Fotografia de J. Drury, cedida pelo Museu Sul-Africano, Cidade do Cabo.)

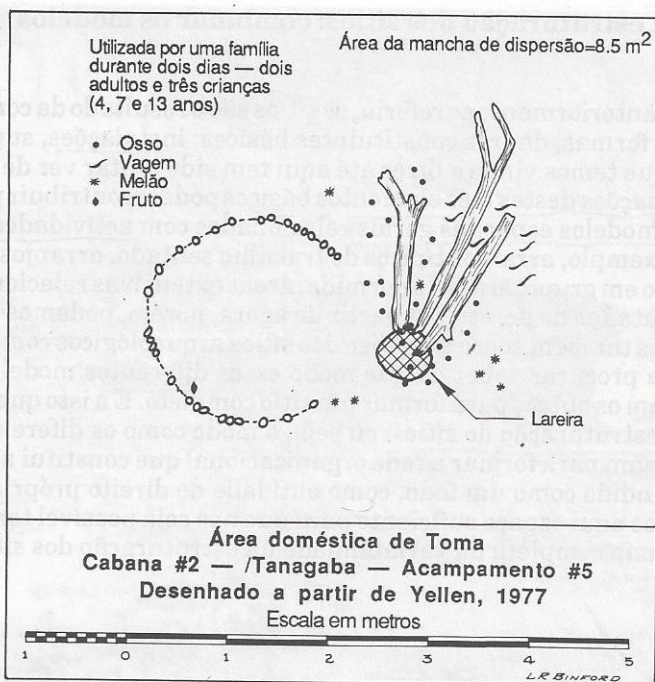


Fig. 114. — Planta da cabana típica dos bosquímanos Kung e respectiva lareira. (Baseado em Yellen, 1977, planta final do acampamento 5).

pode encontrar no registo etnográfico, podemos, mesmo assim, experimentar usar os conhecimentos que acabamos de adquirir para tentar atribuir significado a alguns dos padrões espaciais observados no registo arqueológico.

Vejamos, em primeiro lugar, de que modo podem os modelos de actividade de ser usados para analisar a estruturação de sítio característica de um acampamento dos bosquímanos. No deserto do Kalahari, as pessoas constroem pequenas cabanas, mais para se protegerem do sol do que propriamente para se aquecerem. A temperatura do ar, a meio do dia, pode atingir valores bastante elevados, de modo que os bosquímanos costumam passar essa parte do dia no interior das cabanas, sentados nas suas camas. Como esse tempo pode ser aproveitado para fabricar utensílios ou para levar a cabo quaisquer outras tarefas, os restos relacionados com essas actividades realizadas à sombra acabam por se espalhar pela área de dormida. Pelo contrário, a lareira utilizada para cozinhar as refeições comunais está situada no exterior da cabana, mesmo junto à porta. Consequentemente, as refeições que aí são tomadas dão origem à formação de um anel de vestígios em forma de *donut*, constituído pelos restos de comida deitados fora que se acumularam em redor da lareira.

A existência de padrões semelhantes pode ser detectada em muitos outros sítios. Os dados recolhidos entre diferentes grupos de caçadores-recolectores (os bosquímanos Kung, os esquimós Nunamiut e os aborígenes Ngatjatjara)

1550  
E  
FUNDAMENTAL



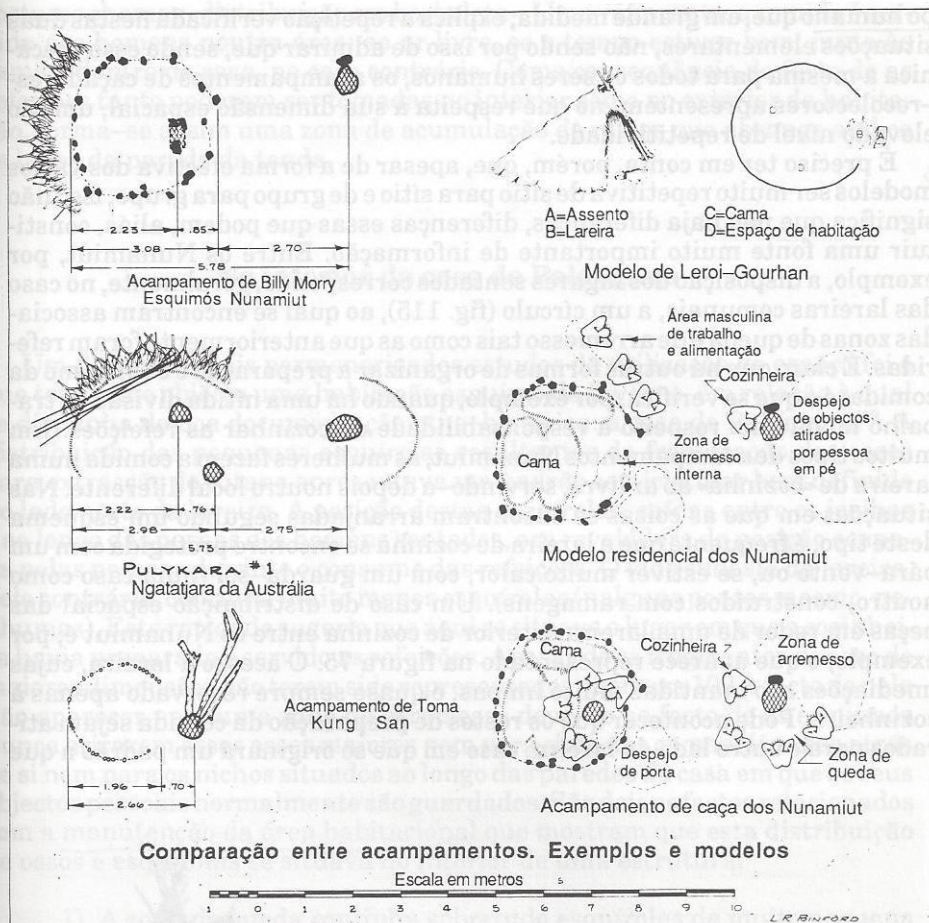


Fig. 115. — À esquerda, comparação entre plantas e tamanhos das habitações e das lareiras em três grupos de caçadores-recolectores: Bosquímanos Kung, esquimós Nunamiut e aborígenes Ngatjara. À direita, ilustram-se três modelos hipotéticos de estruturação de sítios, baseando-se os dois de baixo em sítios documentados etnograficamente.

demonstram, com efeito, que a disposição espacial das cabanas, das áreas de dormida e das lareiras exteriores é muito semelhante nos três casos. A razão de ser de tão grande conformidade reside no simples facto de o factor condicionante ser o mesmo — o corpo humano. Neste caso concreto, essa conformidade é determinada pela quantidade de espaço necessária para conseguir sentar um grupo de pessoas em redor de uma lareira sem obstruir o acesso à cabana situada defronte. Nos acampamentos dos bosquímanos, o tamanho das cabanas é também quase sempre o mesmo, variando apenas em função do número de pessoas que as ocupa. É pura e simplesmente a mecânica do cor-

po humano que, em grande medida, explica a repetição verificada nestas duas situações elementares, não sendo por isso de admirar que, sendo essa mecânica a mesma para todos os seres humanos, os acampamentos de caçadores-recolectores apresentem, no que respeita à sua dimensão espacial, um tão elevado nível de repetitividade.

É preciso ter em conta, porém, que, apesar de a forma efectiva dos vários modelos ser muito repetitiva de sítio para sítio e de grupo para grupo, isso não significa que não haja diferenças, diferenças essas que podem, aliás, constituir uma fonte muito importante de informação. Entre os Nunamiut, por exemplo, a disposição dos lugares sentados corresponde, geralmente, no caso daslareiras comunais, a um círculo (fig. 115), ao qual se encontram associadas zonas de queda e de arremesso tais como as que anteriormente foram referidas. É claro que há outras formas de organizar a preparação e o consumo da comida; é o que se verifica, por exemplo, quando há uma nítida divisão de trabalho no que diz respeito à responsabilidade de cozinhar as refeições. Em muitos tipos de acampamentos Nunamiut, as mulheres fazem a comida numalareira de «cozinha» ao ar livre, servindo-a depois noutro local diferente. Nas situações em que as coisas se encontram arranjadas segundo um esquema deste tipo, é frequente que a lareira de cozinha se encontre protegida com um pára-vento ou, se estiver muito calor, com um guarda-sol (num caso como noutro, construídos com ramagens). Um caso de distribuição espacial das peças em redor de uma lareira exterior de cozinha entre os Nunamiut é, por exemplo, o que aparece representado na figura 75. O acesso à lareira, cujas imediações são mantidas muito limpas, é quase sempre reservado apenas à cozinheira. Pode acontecer que os restos de preparação da comida sejam atirados para o outro lado da lareira, caso em que se originará um padrão a que



Fig. 116. — Acampamento dos índios «Pés Negros», da América do Norte, cerca de 1920. À esquerda, uma lareira exterior de cozinha com um pára-sol suportado por um tripé. A casa propriamente dita localiza-se à direita. (Fotografia de H. F. Robinson, cópia do autor.)



costumo chamar «distribuição em borboleta». Uma vez pronta, a comida é servida aos homens noutra área: ao ar livre, se o tempo estiver bom; junto às camas, dentro de casa, no caso contrário. Como consequência do facto de as refeições tanto poderem ser tomadas no interior como no exterior da habitação, forma-se assim uma zona de acumulação de restos que abrange ambos os lados da parede da tenda.

### No interior da casa de Palangana

Um dos meus mais pormenorizados estudos da utilização do espaço foi o que teve como objecto uma habitação esquimó de Inverno, em relação à qual se dispunha de boa documentação etno-histórica: a casa de Palangana<sup>19</sup>. A distribuição das pequenas esquirolas resultantes da fracturação dos ossos para extracção do tutano apresentava um padrão semicircular bem definido no lado norte da lareira. A posição destas esquirolas, caídas entre os joelhos e ao longo das pernas dos homens sentados, era reveladora da posição ocupada pelas pessoas durante o consumo das refeições. O lado sudeste da lareira, pelo contrário, continha muito menos esquirolas (nalguns pontos mesmo, nenhuma). Esta raridade sugeria que aqui se situava o lugar em que a cozinha havia preparado e servido as refeições. Apesar de os fragmentos de osso de maiores dimensões não terem sido representados na figura 109, o facto de nela não aparecer nenhuma zona de arremesso deve-se ao facto de os esquimós nunca atirarem esses ossos maiores nem para cima das camas situadas atrás de si nem para os nichos situados ao longo das paredes da casa em que os seus objectos pessoais normalmente são guardados. São dois os factos relacionados com a manutenção da área habitacional que mostram que esta distribuição de ossos e esquirolas se situava no interior de uma estrutura:

- 1) A zona de queda continha sobretudo esquirolas de muito pequena dimensão, o que, associado à existência de uma grande lixeira exterior junto à entrada, demonstra claramente a existência de limpezas regulares, em especial no que diz respeito ao espaço usado de maneira mais intensiva, que se situava em redor da lareira;
- 2) A inexistência de uma zona de arremesso sugeria, por outro lado, a existência de práticas de «manutenção preventiva» subsequente às refeições.

A distribuição, no interior da casa, das pequenas esquirolas resultantes do talhe da pedra por pressão pode constituir um bom termo de comparação para a distribuição das esquirolas ósseas. É óbvio que é nas zonas mais afastadas da lareira, e sobretudo no lado sudoeste da casa (canto superior esquerdo da figura 118), uma área em que a densidade de esquirolas ósseas era baixa, que

<sup>19</sup> Binford, pp. 435–457.

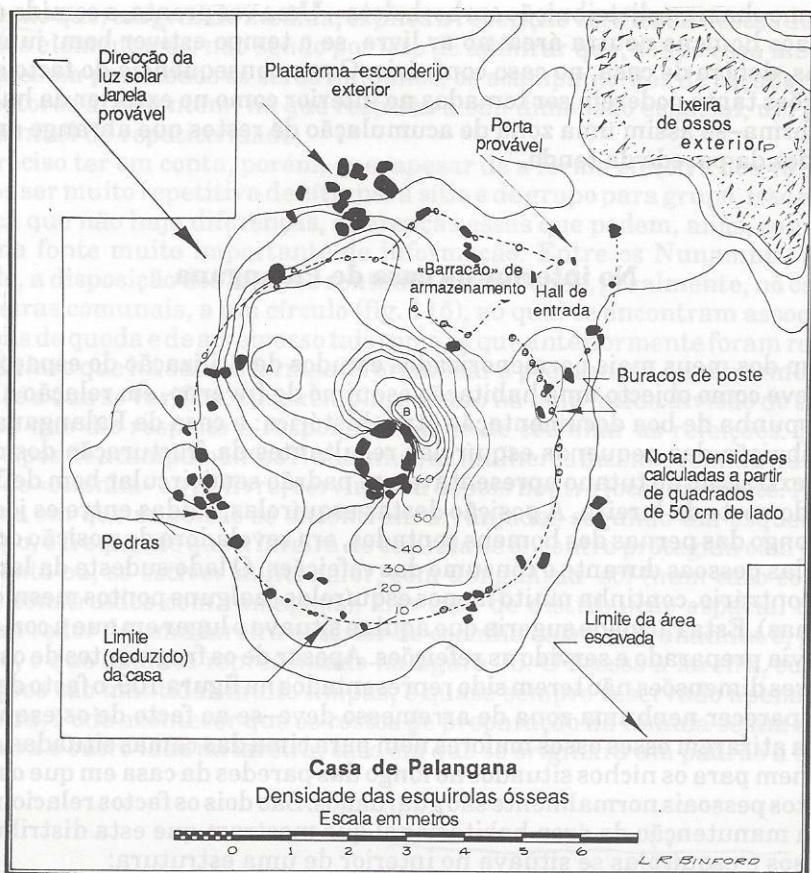


Fig. 117. — «Planta de uma casa esquimó de Inverno (a casa de Palangana) situada no lago Tulugak, Alasca (ver figs. 53 e 66 para localização exacta), em que a densidade das esquirolas de osso está representada por curvas de nível.» As zonas de maior concentração identificam os lugares em que os homens se costumavam sentar às refeições. A distribuição das esquirolas apresenta-se centrada na lareira, embora com uma concentração maior no respectivo lado esquerdo. A zona mais limpa corresponde a uma área de trabalho doméstico, usada sobretudo pelas mulheres para a preparação das refeições. Os pontos assinalados como «A» e «B» indicam, com grande probabilidade, os locais onde habitualmente se sentavam o dono «B» e a dona «A» da casa.

as esquirolas de sílex apresentam uma densidade mais elevada. Esta diferença deve ser entendida tendo em atenção o posicionamento dos artesãos em relação ao ponto por onde a luz penetrava no interior da casa. Parece lógico, com efeito, que partamos do princípio de que ao fabricarem e repararem utensílios de pedra as pessoas procurassem tirar partido da luz que entrava pela janela. Em contrapartida, as esquirolas ósseas deverão ter sido produzidas durante a refeição da noite, a qual, no Inverno, é servida depois de as poucas horas de luz já terem passado, e quando a casa está aquecida pela lareira usa-



da para a preparação da comida. Nessa altura, as pessoas sentar-se-iam fora do espaço de trabalho da cozinha, mas junto à luz da lareira. As diferenças nas distribuições destas duas classes de peças (esquírolas de osso e de sílex) são, portanto, ditadas pelo lugar e pelo momento em que tiveram lugar as tarefas responsáveis pela sua produção. Mesmo assim, há características comuns às duas distribuições:

- 1) É nos pontos A e B (fig. 117) que as esquírolas de osso e as lascas de sílex são mais densas;
- 2) Há um outro pico de densidade comum às duas classes numa zona exterior situada do lado sul da casa.

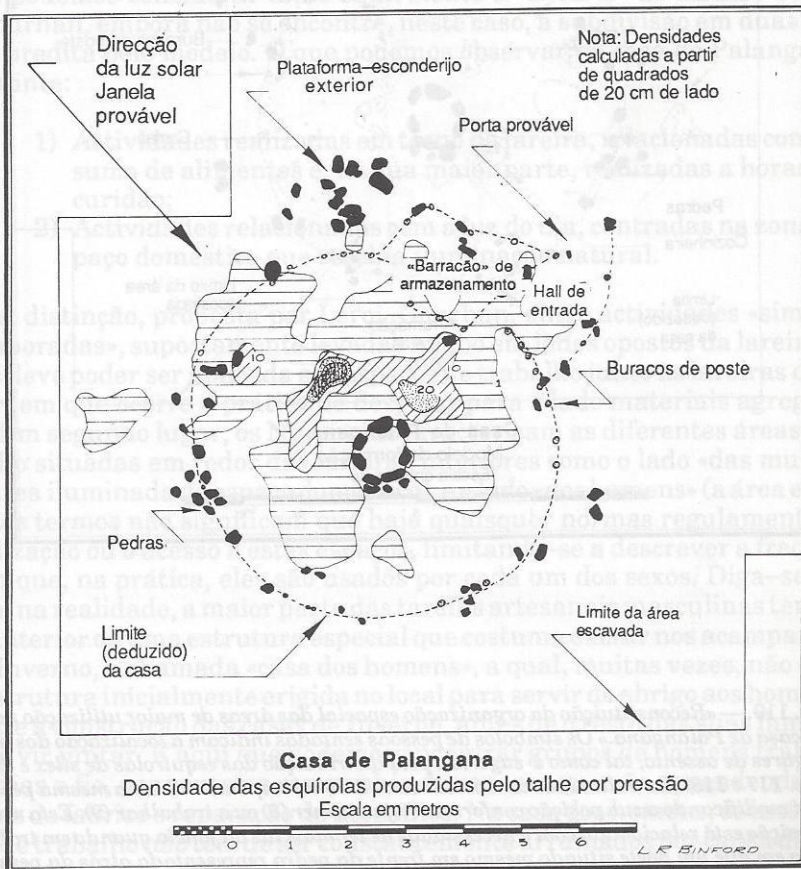


Fig. 118. — «Planta da casa de Palangana em que as curvas de nível representam a densidade (tanto no interior como no exterior da casa) das esquírolas resultantes do talhe do sílex por pressão» (ver fig. 117). A distribuição está claramente determinada pela posição da janela, ou seja, pela posição da iluminação natural recebida no interior da casa durante as poucas horas de luz natural do Inverno no Ártico. As duas concentrações são praticamente coincidentes com as duas concentrações de esquírolas ósseas que na fig. 117 foram marcadas como «A» e «B».

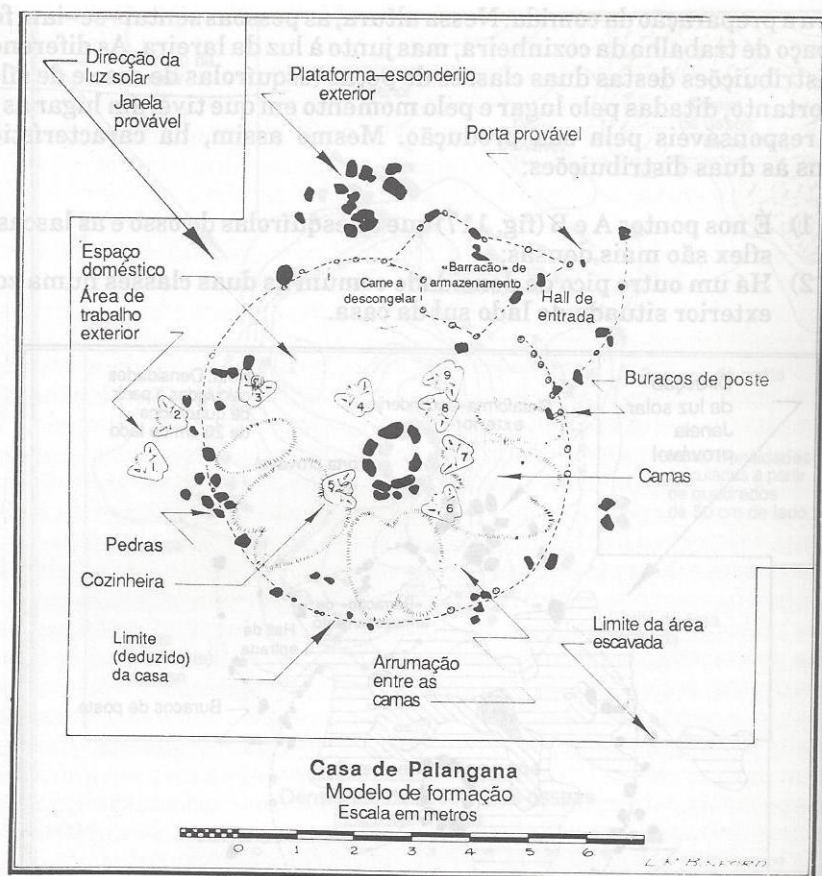


Fig. 119. — «Reconstituição da organização espacial das áreas de maior utilização no interior da casa de Palangana.» Os símbolos de pessoas sentadas indicam a localização dos principais lugares de assento, tal como é sugerida pela distribuição das esquirolas de sílex e de osso (ver figs. 117 e 118). Os indivíduos com os números 8 e 9 correspondem a uma mesma pessoa, a qual vai modificando a sua posição conforme esteja a comer (8) ou a trabalhar (9). Esta mudança de posição está relacionada com a necessidade de ter mais luz da janela quando em trabalho, situação em que um poste situado mesmo em frente da pedra representada atrás da pessoa n.º 9 era também aproveitado como encosto. As posições n.º 3 e 5 são as que, com toda a probabilidade, correspondiam à dona da casa quando se encontrava a trabalhar (3), ocasião em que necessitava de mais luz para fabricar ou reparar artefactos, ou a cozinhar (5), ocasião em que, muito provavelmente, se sentava na sua cama. Observem-se igualmente as pedras de mesa situada à direita da posição por si ocupada quando se sentava à lareira. Os lugares sentados com os n.º 1 e 2, situados ao sol, no exterior da casa, correspondem certamente a posições ocupadas pelos homens para comer ou trabalhar, em dias mais quentes do princípio ou do final do Inverno.



Estas correspondências revelam os lugares em que as pessoas habitualmente se sentavam para comer ou para reparar utensílios. A disposição dos lugares sentados que me parece possível deduzir a partir destes dados pode ser resumida sob a forma de um modelo da utilização do espaço no interior da casa de Palangana. A área de dormida da figura 119 (correspondente à «Zona C»<sup>20</sup> de Leroi-Gourhan) deu poucos restos relacionados com actividades de fabrico, e tinha uma densidade global de artefactos inferior à do resto da casa, uma característica antevista por Leroi-Gourhan. Mas a sobreposição à planta da casa dos resíduos industriais mostra duas coisas muito interessantes.

Verifica-se com efeito, em primeiro lugar, que há uma concentração no quadrante da casa junto à janela (a área de trabalho doméstico). Esta é a área que podemos considerar como equivalente à «Zona B» do modelo de Leroi-Gourhan, embora não se encontre, neste caso, a subdivisão em duas unidades predita pelo modelo. O que podemos observar na casa de Palangana é o seguinte:

- 1) Actividades realizadas em torno da lareira, relacionadas com o consumo de alimentos e, na sua maior parte, realizadas a horas de escuridão;
- 2) Actividades relacionadas com a luz do dia, centradas na zona do espaço doméstico que recebia iluminação natural.

A distinção, proposta por Leroi-Gourhan, entre actividades «simples» e «elaboradas», supostamente levadas a cabo em lados opostos da lareira, apenas deve poder ser aplicada aos espaços de trabalho junto às lareiras de exterior, em que ocorre a prática de despejar para o lado materiais agregados.

Em segundo lugar, os Nunamiut caracterizam as diferentes áreas de trabalho situadas em redor das lareiras interiores como o lado «das mulheres» (a área iluminada do espaço doméstico), e o lado «dos homens» (a área escura). Estes termos não significam que haja quaisquer normas regulamentando a utilização ou o acesso a estes espaços, limitando-se a descrever a frequência com que, na prática, eles são usados por cada um dos sexos. Diga-se, aliás, que, na realidade, a maior parte das tarefas artesanais masculinas tem lugar no interior de uma estrutura especial que costuma existir nos acampamentos de Inverno, a chamada «casa dos homens», a qual, muitas vezes, não é senão a estrutura inicialmente erigida no local para servir de abrigo aos homens durante a construção das casas de Inverno, antes de o resto das suas famílias se lhes vir juntar. É aqui que podemos encontrar grupos de homens trabalhando dias a fio, por vezes na companhia de rapazes que vão aprendendo as técnicas de fabrico e reparação de utensílios. Na casa dos homens, os instrumentos de trabalho não têm de ser constantemente arrumados por causa de as mu-

<sup>20</sup> O padrão de camas alternando com lareiras mencionado anteriormente aplica-se apenas a acampamentos ao ar livre, ou a estruturas e abrigos sob rocha cuja função primordial é fornecer protecção contra o sol e a chuva. Quando as estruturas são para a manutenção do calor, tornam-se mais comuns os arranjos de dormida em grupo. Nestes casos não se fazem camas alternando com lareiras devido a uma política de conservação do combustível, o qual é usado para aquecer o abrigo por inteiro e não apenas as áreas directamente adjacentes ao fogo.

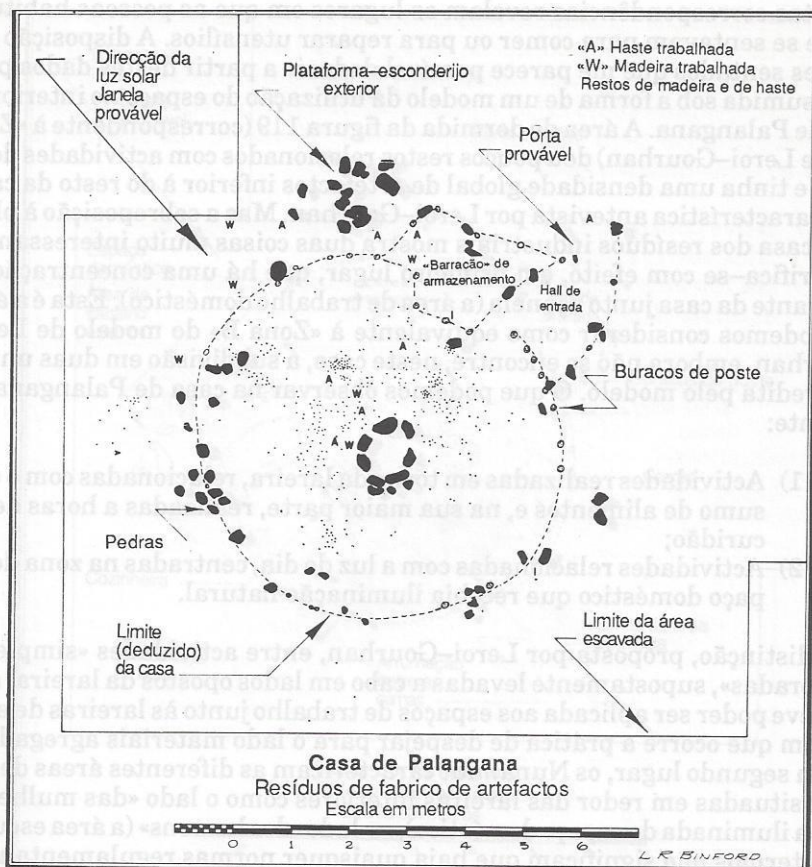


Fig. 120. — «Distribuição dos resíduos de manufatura no interior da casa de Palangana.» Cada ponto corresponde à localização de um objecto isolado cujas coordenadas foram determinadas durante a escavação do sítio. É evidente que os materiais se encontram concentrados sobretudo no quadrante da casa adjacente à janela (ver figs. 117 e 118).

lheres precisarem de espaço, por exemplo para preparar refeições ou para pôr as crianças na cama. Trata-se, portanto, de uma área de actividade especial, onde se podem fabricar e reparar utensílios sem se estar dependente da disponibilidade de espaço na casa residencial.)

Em sítios de ocupação mais episódica, ou que decorra durante o tempo quente, há normalmente uma área masculina de trabalho, situada no exterior da casa onde são executadas diversas tarefas artesanais e onde, por vezes, são também consumidas algumas refeições. Trata-se normalmente de um lugar protegido, bem iluminado e relativamente aquecido, geralmente situado junto à parede da casa virada a sul, como se pode ver no modelo residencial generalizado dos Nunamiut representado na figura 115. No tempo mais quente,

TEMPO PERMANENCIA -  
DIVERSIDADE ACTIVIDADES -  
DIVISÃO GÊNERO



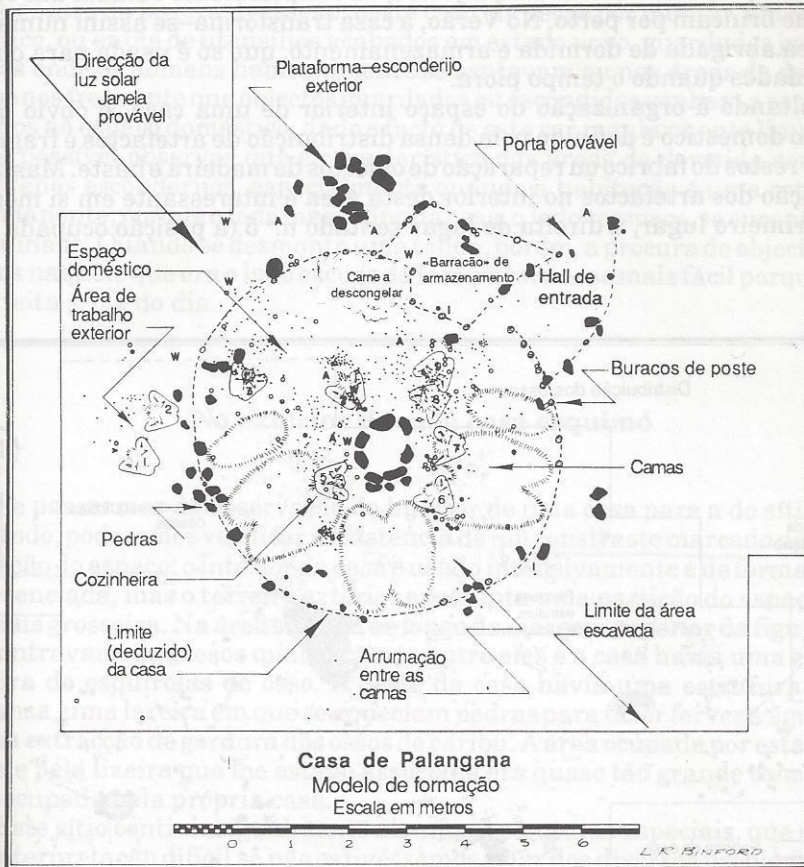


Fig. 121. — «Modelo de formação para as actividades realizadas na casa de Palangana.» A distribuição dos resíduos de fabrico tal como é representada na fig. 120, mas incluindo também o posicionamento dos utensílios ou suas partes, foi sobreposta ao modelo de uso do espaço e de distribuição dos lugares sentados apresentado na fig. 119. Os pequenos círculos abertos correspondem a utensílios líticos, os círculos preenchidos a negro correspondem a utensílios em haste, os pontos representam resíduos de talhe do sílex. «A» representa restos do fabrico de utensílios em haste e «W» representa restos do fabrico de utensílios em madeira. É de assinalar que os utensílios se encontram agrupados do lado direito (norte) da lareira, aparecendo apenas de forma isolada ou dispersa no lado esquerdo e no lado de cima (sul e oeste). Trata-se na maior parte dos casos de objectos que foram guardados ou escondidos e que ou não foram encontrados ou foram esquecidos no momento em que o sítio foi abandonado. Este padrão de distribuição de utensílios é muito frequente nas áreas de dormida de muitos sítios.

as actividades das mulheres podem também deslocar-se para o exterior, sendo as refeições preparadas numa lareira de cozinha ao ar livre, junto da qual se localizará então uma área feminina de conversação, em que as mulheres costuram, reparam e fabricam objectos, ou simplesmente cuidam das crianças que brincam por perto. No Verão, a casa transforma-se assim numa mera área abrigada de dormida e armazenamento, que só é usada para outras actividades quando o tempo piora.

Voltando à organização do espaço interior de uma casa, é óbvio que o espaço doméstico é definido pela densa distribuição de artefactos e fragmentos de restos do fabrico ou reparação de objectos de madeira e haste. Mas a distribuição dos artefactos no interior desta área é interessante em si mesma. Em primeiro lugar, à direita do lugar sentado n.º 5 (a posição ocupada pela

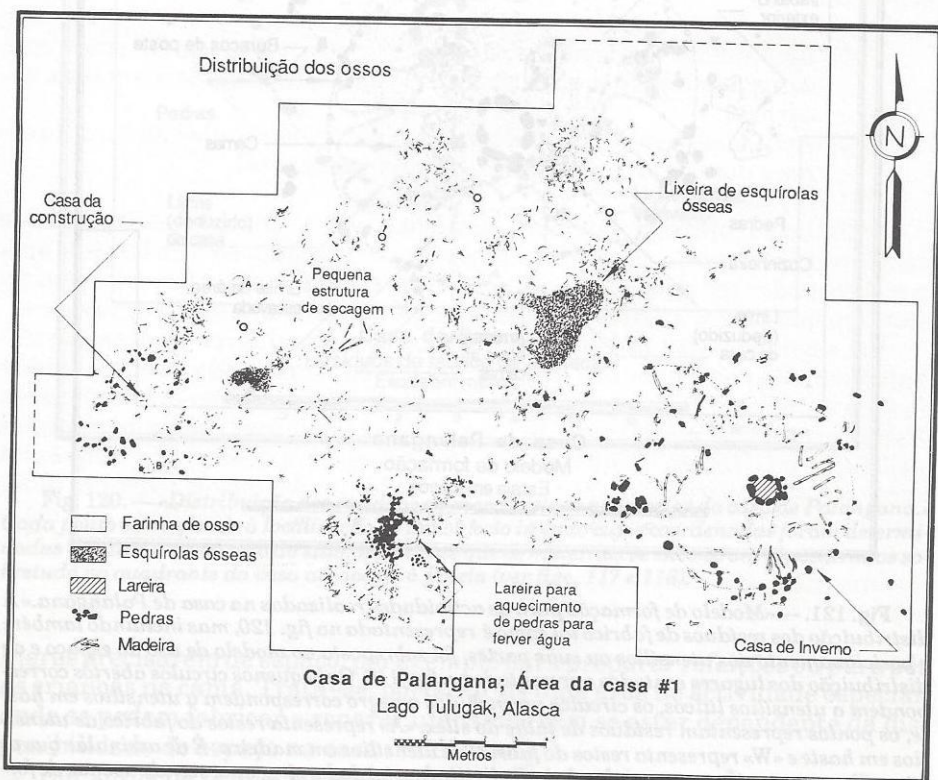


Fig. 122. — «O sítio de Palangana, lago Tulugak, Alasca, com indicação da distribuição dos ossos» (excepto no interior da casa) (ver fig. 80). Esta distribuição relaciona-se em parte com a alimentação dos cães, que se encontravam presos junto ao lado noroeste da casa. Há também ossos relacionados com estruturas especiais (como a lareira em que se fervia água com pedras aquecidas ao fogo), mas a maior parte encontra-se espalhada pela área em que se situa igualmente a lixeira de esquirolas ósseas, a estrutura mais facilmente reconhecível de todo o sítio.



cozinha), há uma importante concentração, situada entre duas camas e a distância não superior ao alcance da mão. Há também pequenas concentrações atrás, ou mesmo ao lado, dos lugares sentados masculinos, situados do lado escuro da lareira: trata-se, neste caso, de peças por montar, em curso de fabrico, ou então de utensílios acabados em estado novo, guardados junto dos sítios onde os homens habitualmente se sentavam ou nas áreas de dormida. É menos frequente que objectos guardados ou escondidos venham a ser encontrados no espaço doméstico, dado o facto de este ser regularmente limpo. Foi-me possível observar que é característico das áreas de dormida conterem pequenos esconderijos, especialmente quando a habitação é uma estrutura permanente, porque o lado masculino da casa, o lado «escuro», se encontra mal iluminado. Quando se desmonta uma tenda, porém, a procura de objectos perdidos naquele que era o lado escuro da lareira torna-se mais fácil porque pode ser feita à luz do dia.

### No exterior de uma casa esquimó

Se passarmos da observação do interior de uma casa para a do sítio como um todo, poderemos verificar a existência de um contraste marcado na estruturação do espaço: o interior da casa é usado intensivamente e de forma muito diferenciada, mas o terreiro exterior apresenta uma partição do espaço muito mais grosseira. Na área situada ao longo da margem superior da figura 122, encontravam-se presos quatro cães, e entre eles e a casa havia uma enorme lixeira de esquírolas de osso. A oeste da casa havia uma estrutura muito extensa, uma lareira em que se aqueciam pedras para fazer ferver a água usada na extracção de gordura dos ossos de caribu. A área ocupada por esta estrutura e pela lixeira que lhe estava associada era quase tão grande como a que era ocupada pela própria casa.

Este sítio continha igualmente algumas estruturas especiais, que seriam de interpretação difícil se não estivéssemos a par dos diversos problemas que o meio em que os esquimós vivem lhes vai criando à medida que se vão sucedendo as diferentes estações do ano. Nas figuras 119 e 121 aparece, por exemplo, um amontoado de pedras situado no exterior da casa e designado como «plataforma-esconderijo». Nas regiões árticas, os objectos colocados no solo antes dos grandes nevões de Outubro e Novembro congelam, ficando presos ao chão, a sua recuperação requerendo por isso um dispêndio de energia enorme, dada a necessidade de quebrar o gelo que os envolve. É por essa razão que os esquimós guardam os objectos de que não precisam, ou que raramente usam durante o Inverno, em embrulhos colocados sobre plataformas de pedra ou, no caso de não haver pedras nas imediações, de hastes de caribu. Áreas especiais de armazenamento como estas, destinadas a coisas que necessitam de protecção especial mas que não precisam nem de calor nem de luz, são algo que se encontra com muita frequência no exterior das casas dos esquimós. Por exemplo, a sul da casa de Palangana, numa área que não chegou a ser escavada, deve ter havido uma estrutura para armazenamento de carne.



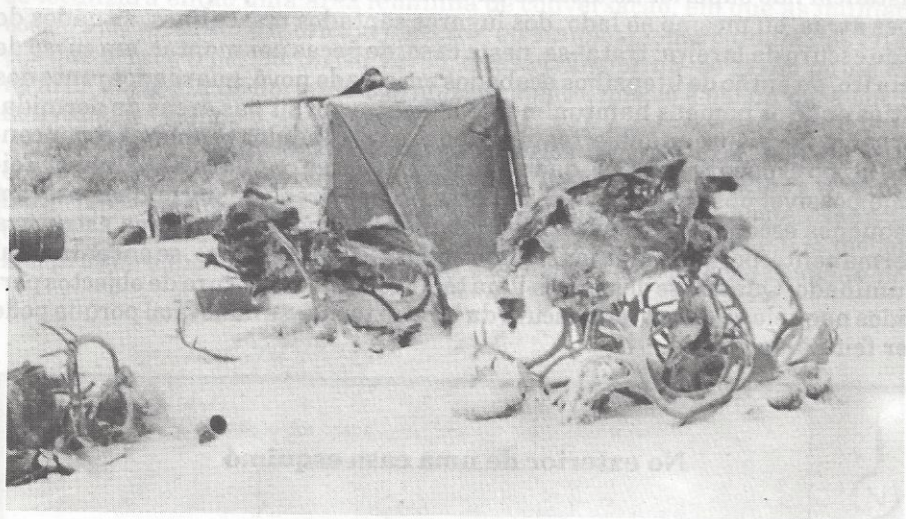


Fig. 123. — *Hastes de caribu utilizadas como instalações de armazenamento na aldeia de Anaktuwuk Pass, no Outono de 1969. De modo a impedir que os objectos guardados no exterior fiquem congelados no solo, fazem-se pacotes com o material que se pretende armazenar, os quais são colocados em plataformas de hastes. Assim se consegue também um acesso fácil aos objectos, mesmo depois de a neve se ter começado a acumular em grande quantidade. (Fotografia cedida por C. Amsden.)*

Se nos afastarmos suficientemente do sítio, de tal modo que nos seja possível obter uma visão geral da sua organização espacial, veremos que algumas generalizações se nos imporão com toda a naturalidade. Em primeiro lugar, a existência de uma área nuclear claramente diferenciada — neste caso o interior da casa, utilizado de forma intensiva e com uma repartição interna do espaço muito nítida. Em segundo lugar, a localização, em posição imediatamente adjacente, de áreas menos diferenciadas em termos espaciais, reservadas a actividades que ocupam muito espaço: as estruturas de armazenamento e plataformas—esconderijos e a lixeira da porta. Quanto mais nos afastamos da casa, maiores e mais especializadas serão as áreas: a zona onde os cães ficam presos, a lareira para aquecimento de pedras para ferver água. Estas generalizações empíricas são úteis e interessantes, mas como poderão ajudar-nos a interpretar o registo arqueológico em geral? A resposta é que precisamos de elaborar teorias que nos permitam explicar padrões e estruturas como as que encontramos na casa de Palangana.



### Condicionamentos ao uso do espaço: calor e luz

A casa de Palangana constitui um bom exemplo de uma situação em que a organização espacial se encontra condicionada pela quantidade de espaço abrigado disponível para habitação. Era ao abrigo da casa que se realizavam uma série muito variada de actividades, diferencialmente distribuídas no tempo e no espaço. Algumas, como o fabrico de artefactos e a preparação da comida, tinham lugar em momentos diferentes mas nos mesmos sítios («uso intensivo»), enquanto outras, como as actividades domésticas e o sono, se caracterizavam por uma maior segregação espacial («uso extensivo»). Em última análise, a organização do espaço no interior da casa dependia essencialmente de dois factores: o calor e a luz. No que respeita ao calor, a posição da respectiva fonte no interior da construção permitia que as diversas partes da casa o recebessem de forma aproximadamente idêntica, o mesmo não acontecendo, porém, no que diz respeito à luz natural. É por isso que as actividades que necessitavam tanto de calor como de luz (tarefas diversas de fabrico de artefactos e de cozinha) se localizavam no quadrante iluminado da casa, no interior de uma área de utilização intensiva do espaço, o que obrigava a que a sua realização tivesse lugar sobretudo durante o dia e se fizesse segundo uma sequência determinada. Em contraste, as actividades que apenas necessitavam de calor e, eventualmente, de alguma luz (por exemplo comer e dormir), tendiam a concentrar-se nas áreas menos iluminadas da casa.

É sobre o pano de fundo constituído por esta organização espacial geral, condicionada pelas necessidades de luz e calor, que temos de analisar os efeitos da divisão social do trabalho, pelo menos no que respeita aos aspectos em que ela era determinada pelo sexo e pela idade. Muitas das actividades dos homens, incluindo o fabrico de utensílios e de outros objectos utilitários, exigiam quantidades relativamente grandes de espaço e demoravam por vezes muito tempo a completar<sup>21</sup>. Assim sendo, a criação de áreas de utilização específica tinha a vantagem de não usurpar nem perturbar o ciclo diário de utilização do limitado espaço doméstico disponível no interior da casa.

Se, por um lado, é afectada pela existência de limitações no uso do espaço, a estruturação dos sítios tem também, por outro lado, de ser compreendida em função dos factores que podem favorecer uma utilização mais intensiva desse mesmo espaço. Do que anteriormente se disse, ressalta claramente que o valor da temperatura exterior é um dos factores que mais condiciona a estruturação do sítio, uma vez que quanto mais frio fizer mais as actividades terão de ser levadas a cabo em espaços abrigados. O que, por outro lado, levanta o problema da iluminação: a construção de uma estrutura ou o uso de um espaço abrigado dão necessariamente origem a restrições na quantidade e na dis-

<sup>21</sup> Entre os esquimós, o fabrico de barcos, de trenós e de estruturas de casas, ou o coser das tendas, são exemplos de tarefas de manufactura em grande escala geralmente executadas em espaços especificamente destinados para o efeito. Ver Binford, 1978-a, p. 348, fig. 7.5, para uma fotografia de um *kayak* em curso de fabrico na respectiva área de actividade específica, situada junto da casa, do lado de fora.



tribuição da luz disponível no seu interior. A casa de Palangana mostra bem como, numa situação em que a iluminação é limitada, haverá tendência para que os espaços com luz adequada sejam usados de forma mais intensiva. E, na situação oposta, passar-se-á o contrário: sendo a iluminação mais abundante, o espaço tenderá então a ser usado de forma mais extensiva. As limitações na distribuição do calor também contribuem para que as actividades realizadas no interior de espaços retringidos sejam mais intensivas. É por este conjunto de razões que, quanto maior for a necessidade de abrigo (coisa que depende fundamentalmente das condições ambientais), maior deverá ser a diferenciação no uso do espaço provocada pelos condicionalismos relacionados com a iluminação.

As consequências da existência de restrições que condicionam o uso do espaço são bastante visíveis na observação relatada por John Yellen<sup>22</sup>, de que os bosquímanos Kung andam de um lado para o outro durante o dia, embora realizando sempre essencialmente as mesmas actividades, o que se deve às mudanças que vão ocorrendo na posição da sombra. Um tal uso extensivo do espaço só é possível não havendo quaisquer outras restrições relacionadas com a adequação dos diferentes lugares à realização de tarefas de curta duração e que ocupem pouco espaço. Dado que o único problema que têm de resolver é o de manter uma relação vantajosa entre o seu espaço de trabalho e a sombra, os bosquímanos podem ir adaptando a disposição desse espaço de trabalho à distribuição da sombra. Este exemplo sugere que, quanto mais específicas forem as necessidades de espaço exigidas por uma determinada tarefa, mais intensa será a concentração do trabalho nos lugares que oferecem as condições necessárias à sua realização. O espaço doméstico na casa de Palangana é um exemplo disto.

Quaisquer que sejam as condições ambientais, o grau em que as diferentes tarefas realizadas exigem um uso extensivo do espaço é variável. Uma pessoa pode, por exemplo, executar uma grande variedade de tarefas sem deixar de permanecer sentada no mesmo lugar, desde que essas tarefas não se sobreponham no tempo (questão que adiante voltarei a referir). Por outro lado, as tarefas cuja execução requer quantidades de espaço muito diferentes tendem a apresentar uma distribuição espacial independente. Já anteriormente vimos, neste mesmo capítulo, que aslareiras em fossa, por exemplo, são instalações que ocupam cerca de 17 m<sup>2</sup> a 24 m<sup>2</sup>, e que modificam consideravelmente a superfície do terreno (nomeadamente pela acumulação de carvão), não permitindo, por isso, que o mesmo local sirva para outras actividades. De um modo geral, as actividades deste género terão, portanto, lugar em áreas especialmente reservadas para o efeito.

<sup>22</sup> Yellen, 1977, p. 92.



## Variação na duração das tarefas

Outro factor que leva a que certas actividades se realizem em áreas especialmente reservadas é a variação na quantidade de tempo necessária para as completar. É raro que tarefas que monopolizem prolongadamente o espaço sejam executadas em áreas de uso doméstico intensivo, onde o padrão normal é o da realização de actividades de curta duração, que se possam encaixar sem dificuldade nos horários diários do comer e do dormir. Muitas tarefas de fabrico de artefactos exigem a produção de componentes diferenciados, os quais vão sendo montados à medida que se vão completando, o que faz que qualquer interrupção do processo possa constituir um grande transtorno. Todas as crianças conhecem a frustração que representa começar a fazer um jogo ou a juntar as peças de um quebra-cabeças em cima da mesa da cozinha e ter de tirar tudo por causa da refeição que tem de ser preparada — o «tirar tudo» significando, evidentemente, que os progressos entretanto feitos se vão, em grande medida, perder. É precisamente por essa razão que as tarefas que se prevê virem a levar bastante tempo são geralmente relegadas para áreas onde podem monopolizar o espaço sem interferir com a realização das de mais curta duração<sup>23</sup>.

## Consequências do trabalho com grandes quantidades

Os resíduos resultantes da execução das diferentes tarefas podem ser mais ou menos volumosos, e esta é outra coisa importante a ter em consideração quando se examina a organização do uso do espaço. Quer seja de curta quer seja de longa duração, uma actividade geradora de grande quantidade de resíduos será sempre uma actividade que ocupará espaço, não só durante a sua execução como também após o seu termo, uma vez que, enquanto o lixo não for limpo, a sua presença pode impedir que a superfície seja aproveitada para outras actividades. Esta é uma constatação que não sofre qualquer alteração pelo facto de a tarefa em questão poder ser realizada muito rapidamente. Quando, na altura da colheita, os índios Jemez preparam o milho para ser armazenado, a quantidade de refugo produzida é enorme. E não é preciso um grande esforço de imaginação para perceber que, enquanto o refugo gerado pela desfolhada não for limpo, a área onde esse trabalho foi realizado não poderá ser aproveitada para outros fins.

<sup>23</sup> Tem-se observado que entre os esquimós os homens mais velhos tendem a estar mais ligados às actividades artesanais do que as outras pessoas, congregando-se frequentemente na casa de um casal idoso sem filhos, ou com filhos já casados mas a viver noutra local. No que diz respeito às actividades artesanais, essas casas sem filhos funcionavam assim como casas dos homens, os quais podiam organizar e deixar o seu trabalho em segurança nas zonas periféricas ao espaço doméstico da mulher.

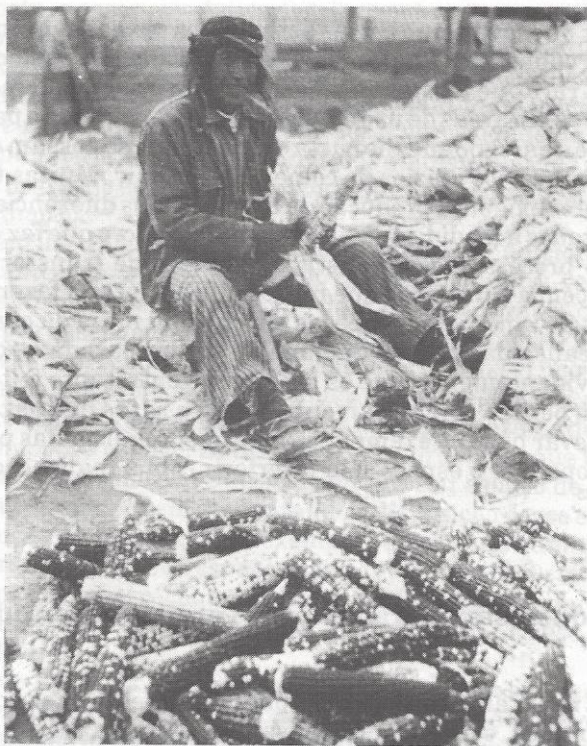


Fig. 124. — Um índio do pueblo de Jemez (no Sudoeste dos Estados Unidos da América) desfolhando milho para ser armazenado durante o Inverno. Outubro de 1976. (Fotografia cedida pelo Museu Maxwell de Antropologia da Universidade do Novo México.)

Em sítios de ocupação breve, pode acontecer que as actividades produtoras de grande quantidade de resíduos se realizem na periferia das áreas mais intensivamente usadas, e que o lixo não chegue a ser limpo. Mas, quando as ocupações são prolongadas, até mesmo estas áreas de actividade periféricas podem ser objecto de limpeza, de modo a que a mesma (ou outras) actividade se possa voltar a realizar no mesmo lugar. Ao princípio, não percebia por que é que os Nunamiut limpavam os seus grandes sítios de caça da Primavera e do Outono, situados a grande distância da sua aldeia. Explicaram-me então que as grandes quantidades de ossos e hastes dispersas pelo chão em resultado de anteriores actividades de esquartejamento em massa eram propícias a causar acidentes. Por isso, fora da época da caça ao caribu, os ossos espalhados pelos sítios mais importantes, mais sistematicamente utilizados, eram recolhidos e queimados, o que não acontecia nos sítios usados de forma



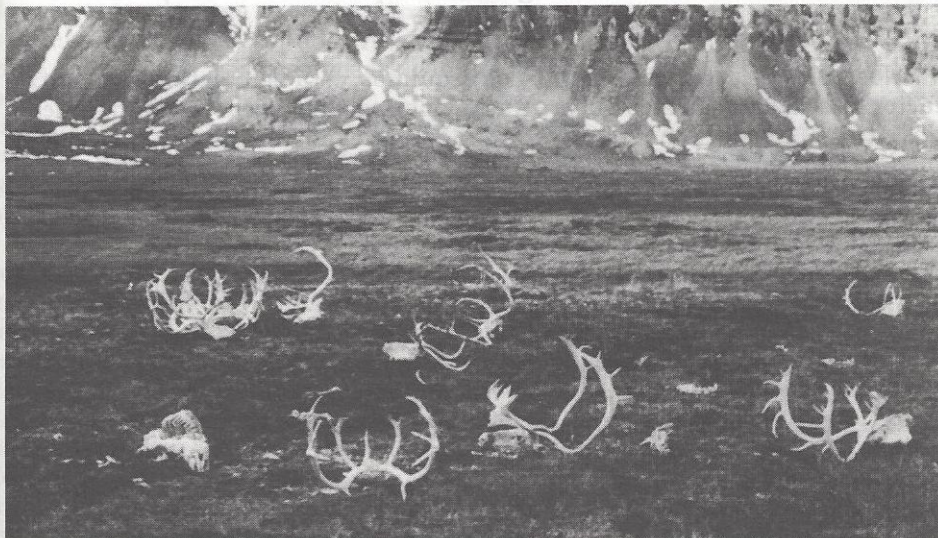


Fig. 125. — Sítio de abate e esartejamento de caribus, situado na vertente norte do rio Anaktiqtau, Anaktuvuk Pass, Alasca. (Ver fig. 53 para a localização exacta.) Num sítio que não se prevê vir a ser reutilizado, os refugos de esartejamento espalhados pelo local são simplesmente abandonados. Mas em sítios de função idêntica usados de forma repetitiva os ossos e as hastes de maior dimensão são recolhidos e queimados.

mais pontual<sup>24</sup>. A figura 125 mostra um sítio funcionalmente equivalente à posição de caça e sítio de esartejamento de Anavik. Este último tinha sido limpo, visto tratar-se de um local usado com certa frequência, mas o outro tinha sido abandonado no estado documentado pela fotografia, uma vez que não se pensava que viesse a ser necessário voltar a utilizá-lo. Em resumo, os sítios em que o trabalho envolve grandes volumes de material permitem mostrar duas coisas. Primeiro, que o tamanho da área necessária e a quantidade de refugio que se prevê vir a ser produzido podem ser os factores determinantes na escolha do lugar em que a actividade se realizará. Segundo, que o grau de limpeza das áreas de actividade, mesmo quando localizadas de forma periférica, é determinado tanto pelas expectativas de reutilização futura da área como pela durabilidade dos resíduos.

ABANDONO

<sup>24</sup> Ver Binford, 1978-a, p. 462, fig. 9.1, para uma fotografia de refugio a ser queimado num local de abate e preparação.



## Estratégias de limpeza

Nos sítios de esquiteamento dos esquimós, está bem patente um outro factor que condiciona a estrutura das jazidas arqueológicas: a «manutenção dos sítios». Michael Schiffer, mais do que qualquer outro arqueólogo, tem chamado a atenção para este importante aspecto<sup>25</sup>. A minha experiência etnográfica mostra-me que existem pelo menos duas tácticas de manutenção de sítios:

- 1) «Manutenção preventiva» (evacuação de objectos para longe dos espaços usados de forma intensiva);
- 2) «Manutenção *post-hoc*» (limpeza efectiva de determinadas áreas e transporte dos resíduos para áreas reservadas a lixeira).

De um modo geral, a manutenção preventiva implica um certo grau de previsão da quantidade de lixo que virá a ser acumulada em consequência da realização de uma determinada actividade, o que, aliás, começa logo por afectar (como os exemplos anteriormente discutidos mostram com clareza) o modo como se faz a distribuição espacial das diversas actividades.

No caso das actividades que decorrem no exterior, a manutenção preventiva assume geralmente a forma de arremesso dos restos para longe, dando origem à acumulação de uma zona de arremesso situada em redor da área de uso intensivo. Em termos técnicos, estes restos designam-se como «refugo primário» (nos termos de Schiffer)<sup>26</sup>, porque os objectos foram deitados fora nas imediações do seu contexto de utilização. Dentro de casa, a manutenção preventiva está geralmente ligada de forma explícita à existência de estratégias de limpeza. No interior de uma casa esquimó, por exemplo, os objectos que noutra situação iriam parar a uma zona de arremesso são, pelo contrário, empilhados à volta da lareira<sup>27</sup> ou colocados num balde para mais tarde serem despejados. Do mesmo modo, o refugo «agregado», como por exemplo os restos de comida dentro dos tachos, é deliberadamente levado para fora de casa e despejado numa lixeira, enquanto num acampamento temporário ou numa situação de exterior esses restos seriam directamente atirados para o lado. Embora possam conter exactamente as mesmas coisas que as zonas de arremesso situadas em redor de uma lareira, as quais Schiffer certamente consideraria como refugo primário, as pilhas de lixo criadas pela manutenção preventiva no interior de uma casa seriam provavelmente classificadas por ele como «refugo secundário» (isto é, restos redepósitos). A diferença impor-

<sup>25</sup> Schiffer (1972, 1976) propôs uma distinção conceptual entre refugo «primário» e «secundário» e salientou a importância de os arqueólogos fazerem esta diferenciação entre estes dois tipos de depósitos. Embora aceite que a intenção de Schiffer era construtiva e se baseava em premissas válidas, esta distinção não me parece adequada, pelo menos no que respeita ao meu entendimento dos processos de formação.

<sup>26</sup> Schiffer, 1972.

<sup>27</sup> Binford, 1978-a, pp. 145-147, descreve uma refeição dos esquimós numa casa de Inverno.



tante entre estas duas situações é a escala das áreas que estão a ser objecto de um uso e de uma manutenção intensivos: no primeiro caso, uma área pequena (os lugares sentados relacionados com a zona de arremesso periférica); no segundo, todo o interior de uma casa, incluindo as áreas em que as pessoas se sentam, executam as tarefas domésticas, e dormem. A compreensão das relações organizacionais entre os diversos objectos recolhidos num estação arqueológica depende, por isso, da identificação de padrões estruturais nos dados observados e não de uma simples separação formal entre refugio primário e secundário<sup>28</sup>.

Parece-me bastante evidente que, não havendo variação nos outros factores, o cuidado posto na manutenção de uma área estará relacionado com a intensidade com que é usada. As áreas usadas intensivamente são as que terão uma manutenção mais completa, e estarão por isso associadas a áreas especiais para despejos. Mas a veracidade desta asserção está também dependente, por outro lado, da duração dessa utilização intensiva — a manutenção de locais usados de forma intensiva mas por pouco tempo é mínima. Isto significa, portanto, que é possível prever a existência, nas áreas de uso intensivo, de um conjunto muito forte de relações entre o investimento feito na sua manutenção e a duração da respectiva ocupação. Além disso, quanto mais prolongada for a ocupação maior deverá ser a diversidade das actividades executadas, pelo que deve haver igualmente uma correlação entre a duração da ocupação e o número de áreas de actividade especializada, ou entre a duração da ocupação e a quantidade de grandes áreas de manutenção cuidadosa situadas na periferia da área de actividade principal. Tanto o meu próprio trabalho como as observações feitas por John Yellen entre os bosquímanos Kung<sup>29</sup> parecem constituir documentação suficiente para que a validade desta última proposição, pelo menos no que aos sítios residenciais diz respeito, possa ser considerada como amplamente assegurada.

### Construção de uma teoria da estruturação dos sítios

Já se disse o suficiente, embora de forma preliminar, acerca do percurso que os meus ensaios de construção teórica têm seguido no que respeita às questões relacionadas com a estruturação dos sítios. Sendo a luz e o calor factores que variam de forma regular à escala do globo, deve ser possível, portanto, começar a propor correlações entre a estruturação dos sítios e as varia-

<sup>28</sup> Schiffer, 1976, p. 57, fornece alguns critérios formais para o reconhecimento do refugio secundário: «O refugio secundário é constituído por materiais gastos e partidos e ocorre de um modo geral em depósitos de grande densidade e diversidade material.» Compare-se esta ideia com a descrição feita por Yellen (1977, p. 109) da existência de «refugio primário» nas suas «áreas nucleares».

<sup>29</sup> Yellen, 1977, pp. 81–83. É de notar que, embora tendo feito observações válidas, Yellen está totalmente errado na sua atribuição a Whallon e a mim de tipologias «rígidas» de sítios. Veja-se a nota 10 deste capítulo.



ções geográficas, tanto no que respeita à luz natural como às oscilações diárias e sazonais das temperaturas. Outras propriedades dos sistemas de povoamento que são determinadas pelas condições ambientais, como a mobilidade<sup>30</sup>, podem também ser consideradas nas suas implicações funcionais. Por exemplo, quanto mais fixo ou mais sedentário for um grupo, maior a probabilidade de surgirem conflitos relacionados com a escala e a duração das actividades realizadas em cada local. Vimos já como a segregação espacial das actividades e o uso mais ou menos intensivo do espaço são afectados por variáveis desta natureza. Do mesmo modo, quanto mais complexas forem a tecnologia e a organização social de um grupo, mais complexas serão as actividades envolvidas na produção e preparação de materiais para uso e consumo, o que, por seu lado, nos deve levar a prever uma complexidade ainda maior na estruturação dos sítios. Se juntarmos a tudo isto as variáveis ambientais — como, por exemplo, a chuva ou a intensidade da luz solar, que podem ter influência considerável, tanto uma como outra, no uso de abrigos — a compreensão da organização espacial do comportamento humano torna-se uma área de investigação ainda mais interessante e estimulante.

Espero ter conseguido demonstrar como a investigação das relações funcionais<sup>31</sup> nos pode ajudar a desenvolver métodos para melhor interpretar os padrões observados no registo arqueológico. Dado o êxito relativo do desenvolvimento de métodos para a interpretação dos restos faunísticos e de alguns aspectos da estruturação dos sítios, parece-me que estamos agora em condições de começar a lidar com a interessante tarefa que é procurar compreender a

<sup>30</sup> Binford, 1980, pp. 4–20.

<sup>31</sup> A polémica sobre «variação funcional» ligada à controvérsia do Moustierense não tem nada a ver com o uso dos utensílios, ao contrário do que muitos (por exemplo: Collins, 1969; Tringham, 1978, p. 174; Cahen, *et al.*, 1979) pretenderam. O que eu fiz foi defender a importância das formas que pode assumir a variabilidade na organização dos sistemas de adaptação dos homínidos e do homem, bem como dos factores que as condicionam, enquanto a arqueologia tradicional negava a própria existência dessa variabilidade. É por isso que não nos devemos surpreender com o facto de investigações como as que aqui são discutidas não terem sido feitas anteriormente. O meu argumento essencial tem sido mal interpretado por muitos investigadores modernos que supõem que eu estava a defender a existência de uma relação necessária entre certas formas de utensílios e a utilização para que eram concebidos (ou seja, que o uso a que o utensílio era destinado determinava a sua forma). Nunca fiz tal afirmação, nem mesmo implicitamente. O que fiz, isso sim, foi sugerir que utensílios diferentes podiam desempenhar funções tecnológicas diferentes. O estudo da variação verificada de sítio para sítio nas frequências de classes morfológicamente idênticas compostas por conjuntos de formas diferentes devia, portanto, revelar-nos algo sobre a variabilidade organizacional existente no interior de um determinado sistema cultural. Tal como não tem necessariamente de haver uma relação determinante entre função e forma, tão-pouco é necessário que haja qualquer relação desse tipo entre uso e organização (apesar das interações mútuas que certamente se verificam nos dois casos). O facto de conhecermos a funcionalidade de um objecto não é suficiente para nos permitir inferir quais os padrões organizados de manutenção da tecnologia ao longo do tempo (ou seja, de coracão), nem sequer quais os modos padronizados de abandono, incluindo o investimento em esforço feito na manutenção dos sítios onde essa tecnologia foi usada. A consideração destes factores deve ser feita em conjunto com a reconstrução das acções particulares levadas a cabo pelos utilizadores. Só assim será possível obter uma compreensão realista, precisa e com sentido histórico, das associações padronizadas efectivamente observadas no registo arqueológico. Resumindo, a discussão sobre a funcionalidade estende-se muito para além das simples questões relacionadas com o uso dos utensílios.



variabilidade na composição dos conjuntos (tal como exemplificada pela «questão moustierense»), em função da organização interna dos sistemas do passado. Os exemplos interpretativos e as generalizações deles resultantes que aqui se apresentaram devem ser considerados como procurando ilustrar o modo de operação de uma determinada estratégia de investigação, embora, espero, tenham também podido demonstrar o potencial desta abordagem para o estudo da estruturação dos sítios. Escusado será dizer, porém, que há ainda muito a fazer antes que possamos reconstruir, a partir de uma distribuição de artefactos, os contextos dinâmicos que deram origem à respectiva formação.

Nesta parte do livro, a controvérsia acerca do Moustierense foi usada para exemplificar um problema muito mais geral, e que os arqueólogos pura e simplesmente se têm recusado a enfrentar, ou seja, o de que os critérios baseados em semelhanças não são suficientes para delimitar as fronteiras entre os sistemas culturais do passado. Recordemos por alguns momentos os diferentes tipos de sítios a que se fez referência no capítulo VI: eles demonstram de forma sistemática o facto de que um sistema vivo é composto de lugares, de forças de trabalho e de conjuntos de tácticas diferenciados internamente. Os arqueólogos têm de reconhecer que complexos arqueológicos diferentes podem constituir expressões da diferenciação funcional existente «no interior» de um mesmo sistema, e não necessariamente expressões da diferença «entre» sistemas diversos. Se nos limitarmos a organizar agrupamentos de coisas parecidas, podemos ter a certeza que nunca chegaremos a ver um sistema como ele na realidade é. Precisamos de métodos que nos permitam juntar de maneira fidedigna os diferentes aspectos arqueológicos de que se pode revestir um mesmo sistema.

Estas considerações representam um desafio fundamental à metodologia arqueológica. Mas há outras implicações do estudo da estruturação dos sítios que afectam a disciplina como um todo. No capítulo III, abordei as dificuldades experimentadas pelos arqueólogos no reconhecimento da expressão material de certos tipos de jazidas importantes do passado, tais como os acampamentos-base. O próprio conceito de acampamento-base, por exemplo, acarreta pressupostos sobre o facto de os seus ocupantes comerem e dormirem no mesmo lugar, sobre o papel desempenhado pelo sexo e pela idade na organização das tarefas sociais, sobre o modo como se faz a obtenção e a manutenção da tecnologia adaptativa — tudo actividades que estariam focalizadas no *habitat*. A compreensão das consequências espaciais estáticas do modo como estas diferentes dimensões dinâmicas da organização se encontravam funcionalmente integradas é condição prévia de um reconhecimento correcto desta ou de qualquer outra classe de sítio arqueológico. Esta capacidade de reconhecer características que se pensa reflectirem as transformações que imprimiram novos ritmos à história da evolução humana é de uma importância crucial para uma discussão realista dessa mesma evolução. As convenções actualmente utilizadas — baseadas nas densidades dos artefactos ou nas associações entre ossos e artefactos — derivam, essencialmente, de raciocínios em que se tomam os desejos pela realidade, e não constituem critério suficiente para a formulação de diagnósticos. Temos de abandonar a ideia de que o significado que atribuímos às observações arqueológicas pode ser justifica-

1600  
NUNCA  
SERÁ  
POSSÍVEL!!

do satisfatoriamente mediante o recurso a argumentar a plausibilidade. Precisamos de métodos bem melhores do que esse.

Quando deparamos com padrões reconhecíveis no registo arqueológico, a pergunta que temos de começar por fazer é esta: «Que significa?» A seguir, porém, temos de adoptar o método «científico» que consiste na investigação das propriedades do mundo exterior, para deles obter uma melhor compreensão. A investigação das relações entre a dinâmica (comportamento humano) e a estática dela resultante (artefactos, estruturação dos sítios, restos faunísticos) deve ser conduzida para o desenvolvimento de métodos de inferência precisos e fidedignos, que nos permitam saber «como era» o passado. Espero que esta parte tenha conseguido atingir o objectivo de exemplificar o modo como a investigação se deve movimentar entre os três domínios seguintes:

- 1) O reconhecimento de padrões no registo arqueológico;
- 2) A formulação de perguntas sobre «Que significa?»;
- 3) A condução de estudos «actualísticos», com o objectivo de desenvolver métodos de inferência que permitam obter respostas à prova de água para as perguntas sobre «Como era».

Quando começarmos a conhecer os processos de formação do registo arqueológico, estaremos em muito melhor posição para produzir afirmações correctas acerca de determinados aspectos da realidade passada.